





MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

Pres. Hatman Rector Jr.

As vezes, parecemos achar que (ao morrer e entrar) no mundo espiritual, seremos indivíduos totalmente diferentes; que nosso caráter sofrerá uma mudança miraculosa com a morte. Porém, nada poderia estar mais longe da verdade. "Nós", nossos espíritos, não se modificam com a morte; nós continuamos sendo os mesmos de antes. (Vide Alma 34:33-34)

As Escrituras falam do mundo dos espíritos como de dois lugares diversos às vezes como paraíso, e outras, como prisão. Na verdade, porém, trata-se de um só lugar, dependendo meramente da nossa circunstância, quando lá chegarmos, o que será para nós. Se formos dados a drogas, maus hábitos ou desejos perversos, ele será uma prisão.

Sim, naturalmente é possível a gente arrepender-se no mundo espiritual, embora seja-nos dado a entender que será muito mais difícil do que aqui por falta do auxílio do corpo físico. Além disso, uma parte integrante do arrependimento é a necessidade de retratar-nos, e isto poderá ser assaz difícil no mundo dos espíritos.

A ressurreição é uma realidade possibilitada por nosso Senhor Jesus Cristo, o qual, no dizer de Paulo, foi "as primícias dos que dormem". E devido à sua ressurreição, todo aquele que viveu ou viverá sobre a terra, será igualmente ressuscitado. (Vide I Cor. 15:20-22) O fato de querer ressuscitar ou não, na verdade não faz diferença alguma — todos voltarão a viver, sendo julgados segundo suas obras; e a circunstância pela época da ressurreição, determinará em grande parte a recompensa que hão de receber. Aí os que forem impuros continuarão impuros, e os justos permanecerão justos. (Vide II Néfi 9:16) E a todos será dado aquilo para o que se prepararam.

Presto-vos testemunho de que Jesus é o Cristo, que ele vive, e que tornou o arrependimento possível necessário e requerido a todos; de que os mandamentos de Deus são dados por um Pai amante para nos tornar **livres** aqui na terra e no mundo dos espíritos, a fim de que nele entremos como espíritos desinibidos, prontos para receber os novos conhecimentos lá existentes para nós, dando-nos a condição de merecer uma parcela muito superior e eterna de glória através da ressurreição dos justos. Isto eu testifico em nome de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Amém.

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração.	2
Hartman Rector Jr.	
A REVISTA DESTE MÊS.	3
Oração Dedicatória do Templo de Provo	4
Joseph Fielding Smith	
Um Missionário e Sua...	10
Hugh B. Brown	
O Quarto.	12
Edwin G. Sapp	
Enganar a Si Mesmo.	14
Spencer W. Kimball	
Porque Manter-se...	16
Boyd K. Packer	
Perguntas e Respostas.	19
O Fazendeiro e o Galo.	23
Virginia Massey	
Coisas Para Fazer.	25
De Um Amigo para Outro.	26
Bruce R. McConkie	
MÓRMON	28
Mabel Jones Gabbott	
Normas e Procedimentos.	31
A Paz Provem de Onde?	32
John H. Vandenberg	
Tribunais de Amor.	35
Robert L. Simpson	
O Sacerdócio Aarônico...	38
Victor L. Brown	
O Bom Exemplo no Lar.	41
H. Burke Peterson	
JOSEPH F. SMITH	43
Arthur R. Bassett	

CAPA

(**E**m cima) Élder John H. Vandenberg e Élder Robert L. Simpson, ambos apoiados como assistentes do Conselho dos Doze na conferência geral de abril de 1972.

(Em baixo) o novo Bispado Presidente: Bispo H. Burke Peterson, Bispo Presidente Victor L. Brown, Bispo Vaughn J. Featherstone.

A capa posterior mostra parte da aglomeração popular fora do Tabernáculo após uma sessão de conferência.

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDENCIA

Harold B. Lee
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Spencer W. Kimball
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675 - 282-5948

EDITOR

Osirls Grobel Cabral

REDATOR

Wilson Roberto Gomes

ESTACA SÃO PAULO

R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE

Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL

R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE

Alfio Benassi

ESTACA DE CURITIBA

R. Gottlieb Muller, 96, Curitiba, PR

MISSÃO BRASIL CENTRAL NORTE

R. Henrique Monteiro, 215

CP 20.809, São Paulo, SP - Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE

Lyman Daryn

MISSÃO BRASIL CENTRAL SUL

R. Ernesto Pelosini, 88 - S.B.C.; S.P.

CORRESPONDENTE

John S. Bickmore

MISSÃO BRASIL SUL

R. Princesa Isabel, 342

CP 1513, Porto Alegre, RS - Tel. 23-0748

CORRESPONDENTE

Mauro G. de Freitas

MISSÃO BRASIL NORTE

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras

CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB - Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE

Alfredo H. Lemos

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP - Tel. 288-4118

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, suamônico, sueco, tailandês e tonganês. Composto pela Linotipadora Grady Ltda., R. Abolição, 283, impressa pela Editora Gráfica Lopes R. Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações esportivas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas à aceitação editorial.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço de assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 15,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aéreo: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,50; exemplar atrevesado: Cr\$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

Editorial

Muita gente tem o costume de tomar resoluções especiais no início de um novo ano — resoluções de largar maus hábitos e de adquirir e fortalecer bom hábitos e atitudes. E certamente não há nada de errado nisso. Porém, chega a ser quase proverbial que as resoluções de Ano Novo são para ser quebradas.

Um dos principais motivos do malogro dessas resoluções é que muita gente que as toma, tenta viver um ano de uma só vez em lugar de dia por dia. Pode ser muito desencorajador pensar-se num ano inteiro de luta e constante esforço, mas não é tão difícil assim abster-se de um mau hábito ou praticar um bom hábito durante um dia de cada vez. A pessoa que agir assim ficará abismada ao ver o quanto mais fácil se lhe torna modificar sua vida para melhor.

Outra razão de as resoluções malograrem é que nos deixamos envolver a tal ponto na rotina da vida que esquecemos nossas boas intenções e falhamos em nos concentrar nelas como deveríamos. Reservar um breve período de meditação antes de nossas orações diárias, talvez seja um meio de superarmos esse obstáculo. Pela manhã poderíamos pensar por um momento nas metas e resoluções e então orar pela força para realizá-las. À noite poderíamos lembrar o dia que passou para avaliar nosso êxito e agradecer a ajuda do Senhor.

Acima de tudo, é necessário lembrar-se do princípio do arrependimento e compreender que não precisamos aguardar o novo ano para resolver melhorar. Qualquer hora é boa para dar início ao auto-melhoramento. Que o Senhor nos abençoe a todos e nos ajude a progredir para a perfeição no decorrer do ano entrante.

O número deste mês contém discursos da conferência proferido pelas Autoridades Gerais retratadas na capa, com exceção do Bispo Featherstone, cujo discurso foi publicado em dezembro. Destacamos também a oração dedicatória proferida no Templo de Provo. De especial interesse é a prece do Presidente Smith em favor dos santos em todo o mundo.

Oração Dedicatória do Templo de Provo

Na segunda dedicação de templo efetuada dentro de um mês, os serviços foram realizados na Sala Celestial do Templo de Provo a 9 de fevereiro. (O Templo de Ogden foi dedicado em cerimônias realizadas entre 18 e 20 de janeiro).

Mais de 70.000 pessoas compareceram aos serviços dedicatórios. As cerimônias realizadas na Sala Celestial foram transmitidas por circuito fechado de televisão colorida para outras salas do templo, bem como para diversos outros pontos do "campus" da Universidade Brigham Young.

A oração dedicatória do Presidente Joseph Fielding Smith foi lida, a pedido seu, pelo Presidente Harold B. Lee, primeiro conselheiro da Primeira Presidência.

Os serviços foram concluídos com o tradicional cântico de hosanas ("Tal Como um Facho", hino n.º 160), e pelo brado de hosana.¹

Segue-se a oração dedicatória.

1. "Hosana! Hosana! Hosana! A Deus e ao Cordeiro. Amém! Amém! e Amém!" Em poucos lugares tem isso sido testemunhado. Fez parte dos serviços dedicatórios do Templo de Kirtland e de alguns dos templos mais recentes.

Ó Deus, Pai Eterno, Criador do céu e da terra e de todas as coisas que neles existem; tu, Homem de Santidade (ver Moisés 6:57) que nos criaste a nós, teus filhos, à tua imagem e semelhança, e nos dotaste de capacidade e arbítrio para seguir-te; tu que conheces todas as coisas, e tens todo o po-

der, e força, e domínio; tu que criaste o universo e governas com justiça, e misericórdia sobre todas as obras de tuas mãos: santificado seja teu grande e santo nome!

Comparecemos diante de ti em nome de teu Filho Unigênito, o Filho do Homem, em cujo nome sagrado tu ordenaste que tivéssemos acesso

a ti, Senhor; e rogamos-te que derames teu Espírito Santo sobre nós ao elevarmos nossas vozes em louvor e ações de graças implorando bênçãos de tuas mãos.

Sabemos que és nosso Pai, e que somos obra de tuas mãos, ovelhas de tuas pastagens, santos de tua congregação; e te agradecemos pela

vida, pelo ser, e pelo privilégio de recebermos nossa provação mortal em um dia em que tens dado a plenitude de teu Evangelho eterno aos homens na terra.

Nossos corações estão cheios de gratidão por ser este teu Evangelho o plano de salvação para todos os homens, e por teres escolhido o teu Amado e teu Escolhido para ser o Redentor e Salvador, que colocaria em pleno efeito as provisões de teu grande plano. Somos-te gratos pelo sacrifício expiatório de teu Amado Filho; porque ele veio ao mundo para morrer sobre a cruz pelos pecados do mundo; porque nos resgatou da morte temporal e espiritual; porque pelas suas pisaduras fomos sarados (Isa. 53:5). E fazemos convênio diante de ti para andar na luz da verdade revelada, para que possamos ter jubilosa fraternidade uns com os outros, e para que o sangue de Jesus Cristo, teu Filho, nos possa purificar de todo pecado. (Ver 1 Jo. 1:7)

E assim agora, com tua graça nos assistindo, possamos nos elevar louvores ao Santo de Israel e dizer: Ó Jeová, tu que és o Deus de nossos pais Abraão, Isaque e Jacó, tu que "foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação"; tu que farás de nós "reis e sacerdotes para o nosso Deus", para que possamos viver contigo mil anos; tu és "digno... de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças." (Ver Apo. 5:9,10,11)

E possamos nós, ó Deus, nosso



Pai Celestial, ser contados eternamente com aquela poderosa congregação dos justos que proclamam com uma só voz: (Apo. 5:13) "Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre".

Pai, não temos capacidade de expressão para tributar-te a gratidão de nossos corações pelo teu amor, misericórdia e condescendência para com teus filhos. Sentimo-nos dominados por tua graça e bondade em mandar-nos teu Filho Unigênito para que todo aquele que nele crer possa ter vida eterna, e nos rejubilamos e te louvamos por teres restaurado nesta dispensação, por intermédio de teu servo Joseph Smith, a plenitude de teu Evangelho eterno.

Somos-te gratos por teres aparecido com teu Filho Amado na primavera de 1820 para dar início a esta final dispensação do Evangelho, por teres posteriormente enviado Morôni

para revelar o Livro de Mórmon; por haverem João Batista, Pedro, Tiago e João ministrado a Joseph Smith e Oliver Cowdery; por Moisés, Elias, Elaías, Gabriel, Rafael e outros anjos terem vindo das cortes da glória, "todos anunciando as suas dispensações, seus direitos, suas chaves, suas honras, sua majestade e glória, e o poder de seu Sacerdócio; dando linha sobre linha, preceito sobre preceito" (D&C 128:21), até o plano de salvação inteiro, em toda a sua beleza e glória, está agora de novo sobre a terra.

Ó Senhor, somos-te gratos pelas verdades salvadoras de novo reveladas em nossos dias, e pelos espíritos, grandes e nobres, que enviaste à terra para levar avante tua obra nestes últimos dias. Rejubilamo-nos com a missão e ministério do Profeta Joseph Smith e do Patriarca Hyrum Smith, que juntos portavam as chaves desta final dispensação e que selaram seus testemunhos com o próprio sangue. Agradecemos-te pela fé e devoção de todos os que têm usado o manto profético, e por todos os teus santos fiéis, e pedimos-te forças para sermos como eles.

Somos-te gratos por nos haveres revelado o Sacerdócio, o poder selador, pela mão de Elias o profeta, de forma que neste templo como em todas as tuas outras casas sagradas, teus santos fiéis podem ser "investidos com poder do alto" (D&C 105:11) e entrar nestes eternos convênios que abrem a porta para a recepção de todas as bênçãos de Abraão, Isaque e Jacó, e todos os santos profetas.

Ó nosso Pai, buscamos ser semelhantes a ti, procuramos moldar nossa vida pela de teu Filho; desejamos retidão para nós mesmos, para nossos filhos e para os filhos de nossos filhos; voltamos nossa face para esta casa sagrada, e te imploramos que nos faças dignos de herdar a plenitude daquelas tuas bênçãos que só podem ser encontradas em teus templos santos, aquelas mesmas que decorrem da continuação da unidade familiar para sempre.

Tu sabes, ó Pai, que buscamos essas bênçãos não somente para nós mesmos e para nossos descendentes, mas também para nossos antepassados; pois que tu disseste que nós, como salvadores no Monte Sião, temos o poder de salvar e redimir nossos mortos dignos. Assim buscamos fazer, e rogamos-te orientação e tua luz para nos dirigir ao levarmos avante este trabalho — um dos maiores jamais revelados aos filhos dos homens em qualquer era da terra.

Ansiamos pelo dia em que, ó Deus, tu revelarás a teus servos onde construir outros templos em todas as nações onde teus santos aumentam em número, e servem-te em retidão. Sabemos que todos os homens são filhos teus, e rogamos pelo dia em que todos os que desejarem, possam vir e partilhar das águas da vida livremente, recebendo para si mesmos a plenitude das bênçãos que tens em reserva para todos os que te amam, e servem com todo o coração.

Inclina teu ouvido, ó Senhor; olha para nós com misericórdia; ouve-nos nestas petições, e concede-nos os

desejos de nossos corações em retidão, quando te imploramos pelo bem estar de Sião e todos os seus interesses e preocupações. Esta é a tua igreja; tu a tens estabelecido e a tens tirado “da obscuridade e das trevas, a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra” (D&C 1:30). Faze-a agora resplandecer, clara como a lua, brilhante como o sol, e terrível como um exército com bandeiras, para que todos os homens, em toda parte, saibam que esta é a tua obra; que é teu desejo que venham a teu Filho, e vivam as suas leis, e ganhem salvação em teu reino eterno.

Oh, que a causa de Sião possa prevalecer e triunfar em toda a terra! Possa o teu reino, que é a tua igreja, ir “avante, para que venha o reino dos céus, para que tu, ó Deus, sejas glorificado nos céus e na terra, e os teus inimigos sejam subjugados; pois tua é a honra, o poder e a glória para todo o sempre”.

Ó Deus, nosso Pai, nestes dias de tumulto e maldade, quando Satanás tem poder sobre seu próprio domínio, e quando suas forças tentam destruir tua obra, sentimos-nos fortalecidos, confortados, e encorajados pelo teu decreto, de que teu Filho “terá poder sobre os seus santos, e reinará no seu meio” (D&C 1:36). F nós testificamos diante de ti que sabemos que ele reina em nosso meio, e por essa bênção louvamos teu santo nome para sempre.

Lembramos com seriedade, e com alma contrita, a tua promessa de que nenhuma arma que se levante contra teus santos prosperará; e que

Sala das Noivas no Templo.



se algum homem erguer a voz contra eles, será confundido em teu próprio e devido tempo. (Ver D&C 71:9,10)

Nós te somos gratos, ó nosso Deus, por haveres ordenado e estabelecido a Constituição dos Estados Unidos “pelas mãos de homens sábios, que ergueste para esse mesmo fim” (Ver D&C 101:80). Agradecemos-te pelas liberdades, direitos e privilégios que nos são concedidos nesse sagrado documento, e rogamos que sejam estabelecidos para sempre. Nós te imploramos que po-



nhas no coração do chefe do executivo desta nação o desejo e a determinação de preservar nossas instituições livres, para nós e nossa posteridade. Abençoa os poderes executivo, legislativo, e judiciário de nosso governo, para que cada um funcione sábia e corajosamente em seu respectivo campo, **para** a preservação de nossa forma constitucional de governo.

Agora, ó Pai, teus santos fiéis estão, e permanecerão, em todas as nações da terra. Temos profunda preocupação pelo bem estar tempo-

ral e espiritual deles. Rogamos-te que os governantes de todos os povos, sob a direção do Santo Espírito, possam ser levados a adotar formas de governo que assegurem a todos os homens aquelas liberdades que, por direito, lhes pertencem e que são justificáveis diante de ti.

Coloca, ó Senhor, no coração de teus santos, em todo lugar, o desejo e determinação de seguir implicitamente a declaração: "Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e ma-

nutenção da lei" (12.ª Regra de Fé). Possam eles se esforçar pelo desenvolvimento da causa da retidão, elegendo homens bons e justos, e sendo "sujeitos aos poderes estabelecidos até que reine Aquele, cujo direito é reinar, e subjugue todos os inimigos debaixo de seus pés." (D&C 58:22)

Nossas almas estão perturbadas, e pranteamos por causa da iniquidade do mundo e da maldade que abunda por todo lado. Com profunda preocupação, portanto, oramos pela juventude de Sião, pela geração jovem que se levanta, por aqueles que agora devem preparar-se para apoiar o reino no tempo e estação próprios. Guarda-os do mal; protege-lhes o caminho para que não caiam em pecado e sejam vencidos pelo mundo. Ó Senhor, abençoa a juventude de Sião, e a nós seus líderes, para que os possamos guiar em retidão.

Sabemos que teu reino se expandirá e que muitos da geração jovem, que agora emerge, ainda se destacarão em poder e grande glória como testemunhas de teu nome e mestres de tua lei. Preserva-os, ó nosso Deus; alumia suas mentes e derrama sobre eles teu Santo Espírito, enquanto se preparam para a grande obra que repousará sobre seus ombros.

Permite que aquele grande templo do saber, a Universidade Brigham Young, e tudo que a ela se relaciona, bem como todas as demais escolas, institutos, e seminários da Igreja prosperem sem limite. Permite que teu poder esclarecedor desça sobre os que ensinam, tanto quanto sobre os que são ensinados, para

que procurem “conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé.” (D&C 88:118)

Abençoa-nos, ó Deus, para que ensinemos “a doutrina do reino uns aos outros” (D&C 88:77) conforme ordenaste. Que o façamos com tal diligência que tua santa graça nos atenda, de maneira que possamos ser “instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do Evangelho, e em todas as coisas que pertencem ao reino de Deus.” (D&C 88:78)

Possam todos os que ensinam e estudam, em todos os setores acadêmicos, ter suas almas iluminadas com conhecimento espiritual para que se voltem para tua casa para receber as bênçãos, o conhecimento e a sabedoria que ultrapassam a tudo quanto possa ser encontrado em qualquer outro lugar.

Somos-te gratos, ó Pai, porque é propósito teu cuidar dos santos, e estamos cômnicos do mandamento que nos deste para cuidarmos dos necessitados e infortunados dentre eles. Sabemos que nos ordenaste, como a todos os homens, que subjugássemos a terra, e ganhássemos nosso pão com o suor de nosso rosto, (Ver Gên. 1:28; 3:19) mas nossos corações se voltam para aqueles dentre nós que tem sido surpreendidos pelo infortúnio e não são capazes de cuidar sempre de suas necessidades.

Somos-te gratos, portanto, porque inspiraste teus servos a instituir o programa de bem-estar de tua igreja, de forma que os pobres e desafortunados possam ser assistidos



Sala de Selamento no Templo de Provo.

sem a perda do auto-respeito. E agora, com o número de estacas e missões crescendo tão rapidamente, rogamos com sinceridade que teus servos possam continuar em teu favor, a fim de que mereçam tua inspiração para desenvolver esse programa de bem-estar de tua Igreja, até que se torne perfeito em todos os aspectos, para o cuidado e a bênção de teu povo em qualquer lugar em que venha a se reunir.

Buscamos tua orientação e Espírito, ó Pai Santo, para que teus santos possam ser cuidados à tua própria maneira. Desejamos seguir os princípios que nos deste: que aqueles que estão em dificuldade usem seus próprios esforços individuais até o limite; que aqueles que são ricos em sabedoria, em liderança, e nas coisas materiais do mundo, contribuam com seus talentos e meios; que nos unamos todos pelos laços da verdadeira fraternidade para cuidar "dos órfãos e das viúvas nas suas tribulações, e guardar-nos da corrupção do mundo" — o que constitui, como tu disseste, a religião pura e sem mancha diante de tua santa face. (Ver Tg. 1:27) Ó Senhor, abençoa teus servos com revelação, nisto e em todas as coisas que se relacionam com o crescimento e desenvolvimento de tua obra sobre a terra.

E agora, ó Deus, Pai Eterno, acelta de nossa boca estas palavras de louvor e ação de graças e petição. Ouve nosso clamor, lê os pensamentos e intentos de nossos corações, e inclina-te a conceder-nos tudo o que necessitamos. Reconhecemos tua

mão em todas as coisas, e desejamos servir-te e guardar teus mandamentos, para que possamos ter lugar contigo em teu reino.

Foi um privilégio para nós, guiados pelo murmúrio de teu Espírito, construir para si este templo, que agora te apresentamos como mais uma de tuas casas santas.

Portanto, de acordo com o padrão que tu nos deste, e em harmonia com o curso seguido por teus servos que foram antes de nós, e agindo com a autoridade daquele Sacerdócio que é segundo a ordem de teu Filho (Ver D&C 107:3) e em seu santo nome, dedicamos-te este templo, ó Senhor.

Dedicamo-lo como uma casa de batismo, uma casa de "endowment" (investidura), uma casa de matrimônio, uma casa de retidão para os vivos e os mortos.

Humildemente rogamos-te que acertes este edifício e derrames tuas bênçãos sobre ele como uma casa à qual virás, e na qual teu Espírito dirigirá tudo que for feito, para que seja aceitável a ti. Possa teu Espírito e bênçãos assistir e orientar a todos que aqui oficiam, para que prevaleça um sentimento de santidade em cada sala desta tua casa santa. Possam todos os que entram trazer mãos limpas e coração puro (Sal. 24:4), e possam ser edificados em sua fé, e partir com um sentimento de paz e louvor ao teu santo nome.

Dedicamos o terreno sobre o qual está edificado e que o circunda. Dedicamos as salas da fonte e das ordenanças, e especialmente as salas de selamento, para que possam ser

conservadas santas e para que teu cuidado protetor esteja sobre elas, e para que teu Espírito possa estar sempre presente para iluminar aqueles que ali comparecerem.

Dedicamos todas as partes estruturais, desde os alicerces até à torre. Protege-o, nós te imploramos, contra todas as influências devastadoras, incêndios, furacões, tempestades, ou destruição de qualquer tipo.

Dedicamos as paredes, a paisagem ornamental, as árvores, plantas, flores e arbustos que posteriormente serão acrescentados. Possam eles trazer beleza e fragrância aos arredores.

Protege todas as partes mecânicas para que possa haver operação harmoniosa neste santo templo, diariamente.

Possa tudo o que aqui se fizer, ser feito com os olhos postos somente em tua glória (Ver D&C 82:19 e 59:1) e na edificação de teu reino aqui na terra.

E agora finalmente, dedicamos este templo como uma habitação para ti, e teu Filho, e teu Santo Espírito, e rogamos-te que coloques teu selo de ratificação e aprovação sobre esta ordenança de dedicação e sobre tudo que temos feito e ainda faremos nesta tua santa casa que agora te entregamos, ó Senhor.

Ó Senhor Deus de nossos pais, que te assentas em teu trono, e que vives e reinas sobre todas as coisas, abençoado seja teu santo nome desde agora e para sempre!

Em nome do Senhor Jesus Cristo, teu único Filho, assim seja. Amém e amém.

Um Missionário e Sua Mensagem

Hugh B. Brown

Do Conselho dos Doze

Muito já se disse sobre missionários e o trabalho missionário. Este tem sido o amor primeiro de minha vida e fez-me recordar diversas coisas acontecidas há sessenta e oito anos atrás quando fui para a Inglaterra, uma das quais eu gostaria de relatar.

Eu fora a determinada casa diversas vezes, sendo rejeitado e advertido a não mais voltar, porém algo impelia-me a fazê-lo repetidamente. Então, procurando passar pela casa, fui induzido a entrar e fazer mais uma tentativa de contato. Usei a pesada aldrava da porta sem obter resposta. Eu podia ver uma senhora sentada na sala da frente tricotando e fiz bastante barulho com a tal aldrava. Ela porém não atendeu e dando a volta, fui bater à porta dos fundos. Como não havia aldrava, usei minha bengala com bastante vigor; de fato, as batidas ecoavam pela casa inteira.

A senhora não demorou a aparecer, fazendo-me lembrar minha infância na fazenda quando eu provocava uma galinha choca até sair do ninho. (Vejo que alguns aqui já tiveram a mesma experiência.) Pois bem, quando a galinha choca é levada a deixar o ninho, ela avança com as penas eriçadas em direção contrária e o bico em contínuo movimento, e aquela senhora fazia exatamente o mesmo.

Pedi desculpas e disse:

— Sinto muito tê-la aborrecido e insistido numa entrevista, mas, minha cara irmã, viajei quase dez mil quilômetros para trazer-lhe uma mensagem da parte do Senhor. Foi ele quem me enviou aqui. Em poucos dias estarei voltando para o Canadá e por isso preciso dizer-lhe o que o Senhor deseja que ouça."

Ela então respondeu:

— O senhor está querendo dizer que Deus me mandou uma mensagem!?



— Exatamente, isso; ele mandou, — respondi. Falei-lhe da restauração do Evangelho, da organização da Igreja e da mensagem da restauração. Ela ficou bastante impressionada com o que ouviu, e ao sair disse-lhe:

— Sinto muito tê-la perturbado, mas se eu recusasse transmitir-lhe a mensagem não estaria cumprindo a missão que me foi dada ao chegar aqui. Quando nos encontrarmos novamente, e sei que isto acontecerá, a senhora vai dizer-me: 'Obrigada por ter batido à porta dos fundos. Obrigada por me amar o bastante para levar-me a mensagem do



Senhor. Quando partiu, eu mal conseguia me controlar; estava inquieta, perturbada e confusa com tudo aquilo. Finalmente fui até à casa da missão, consegui alguma literatura, estudei-a e tornei-me membro da Igreja juntamente com minha família.'

Dez anos depois encontrava-me mais uma vez na Inglaterra, nessa época como militar, e ao fim da reunião fui procurado por uma senhora com duas filhas moças:

— Eu dou graças a Deus e ao senhor por ter batido à minha porta, trazendo a mensagem anos atrás. Minhas filhas e eu filiamos-nos à Igreja e logo

estaremos de partida para Utah. Somos gratas a Deus por ter-lhe dado a coragem, a força e a fé para levar-me aquela mensagem divina e deixá-la comigo em nome do Senhor.

Meus irmãos, quero prestar-vos testemunho da divindade desse trabalho. Eu sei que é a obra de Deus, desde o âmago de meu coração às pontas dos dedos e artelhos. Eu sei que o Evangelho foi restaurado. Eu sei que os homens que lideram a Igreja são inspirados e dirigidos por aquele que os indicou. Eu sei que o Evangelho avançará até encher toda a terra e anseio pelo tempo em

que todos nós estaremos reunidos no outro lado, executando a grande obra que tão vacilantemente tentamos fazer aqui na terra.

Deixo convosco este meu testemunho e a minha bênção. Que Deus abençoe todos os aqui presentes e todos os ouvintes; na verdade, todos os homens indistintamente. Ó Pai, abençoa este povo para que possa captar o espírito dessa obra e devotar-se assiduamente a difundir o Evangelho de Jesus Cristo no mundo inteiro.

Humildemente deixo convosco este meu testemunho, mensagem e oração, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Era meia-noite. O vento, qual legião de espíritos uivantes, lançava sua fúria contra as vidraças duplas da janela, fazendo penetrar partículas de neve finas como pó, que caíam ao chão como que num desafio ao empenho do homem de negar-lhe entrada. Meia-noite, e o sol ártico ainda suspenso pouco acima do horizonte.

A estranha névoa, misto de neve esvoaçante e sol eterno, misturava-se à luz elétrica dentro do quarto. Nas paredes, fotografias de lugares longínquo e, entre eles, uma escada de serviço do destacamento militar. O Japão fazia-se presente através do misterioso tremeluzir das bóias de vidro soprado usadas em redes de pesca, recolhidas na praia rochosa do Alasca, logo ali adiante. As cartas de casa, lidas e relidas com carinho, estavam cuidadosamente empilhadas sobre a velha escrivaninha.

Nesse quarto de um remoto destacamento da Força Aérea Americana numa ilha do Alasca, o silêncio da solidão abafava o rugido da ventania.

O tenente recostou-se na cadeira, descansando os pés na beirada da escrivaninha maltrada. Daí a uma semana sairia daquele quarto e, após um vôo de oito mil quilômetros pelas nuvens, estaria novamente ao lado da esposa, deixando um ano de angústias e crescimento para seu próximo ocupante. Pouco após sua chegada àquela ilha sombria, aceitara a responsabilidade adicional de delegado do capelão protestante, com a obrigação de dar assistência religiosa ao pessoal da Força Aérea e conduzir os serviços dominicais para eles e as famílias esquimós da redondeza. O capelão, tendo a seu car-

O Quarto

Edwin Greenlaw Sapp



go quatro destacamentos e obrigado a apresentar todos os meses um relatório pessoal em Anchorage, só podia dedicar um domingo em cada cinco semanas aos subordinados do tenente. Havia, porém, ocasiões em que seus problemas não podiam esperar, e assim o tenente havia procurado estimulá-los, dando conselhos, mas sempre com um crescente fardo de preocupações.

Havia o caso do sargento cuja mulher se interessara por outro homem, o do soldado repudiado pela família, e do moço que perguntava chorando por que seu filhinho tivera que morrer. A longa fila de homens passava silenciosamente pela nuvem de tristeza na mente do oficial. Ele **tinha** procurado ajudar — conselhos, a Cruz Vermelha, autorização para uma chamada telefônica, solicitação ao quartel-general para transferência de um homem. Seus esforços haviam sido apreciados, embora soubesse quão inadequados foram. Seus conselhos careciam de alguma coisa.

Mas, apesar de tudo, fora obrigado a ficar, e vê-los sofrer, descobrindo assim que também para ele a vida e o lar se modificavam paulatinamente. Então pensou como sua alma se parecia com aquele quarto — cheio de memórias das venturas agrídoces de dias passados, agora inelutavelmente fora de alcance e que jamais se repetiriam.

Ele já não mais poderia voltar à vida de antes. Certos missionários haviam cuidado disso. Sua mulher, convertida por eles, pedira tão ansiosamente por carta e telefone o seu consentimento que lho concedera em amor e aflição, e agora ela se batizara numa estranha seita chama-

da mormonismo. Isolado, indefeso, sem meios de alcançá-la, ficara observando as mudanças sutis naqueles poucos meses decorridos desde seu batismo — sua estranha certeza da verdade, a obsessão de prová-la por Escrituras — mudanças assustadoras que deixavam-no paralizado de temor de que não restava mais nenhum laço de entendimento entre eles.

Angústia. Seria isto sua vida daqui por diante? Havia lutado e perdido a batalha com seus homens — a batalha pela qual não se recebe nenhuma medalha, a batalha de propósito cujo galardão é impresso na alma. Afastando a cadeira abruptamente, olhou para a mesa de cabeceira. Ao lado de uma pilha de livros de consulta sobre o novo culto que o capelão mandara de Anchorage a pedido seu, descansava uma Bíblia muito usada e um exemplar do Livro de Mórmon, cuja encadernação imaculada contrastava fortemente com os demais. O Livro de Mórmon denotava pouco manuseio, embora tivesse-o recebido já há seis meses da esposa, cuidadosamente assinalado por ela. Seu olhar captou o texto. O que haviam-lhe ensinado no curso universitário de filosofia? “A fé é crença dinâmica.”

“Eu **creio** em Deus,” disse de si para si, “mas não o entendo. Como pôde minha mulher aceitar essa coisa chamada mormonismo e introduzir tão grande cunha entre nossas vidas? Nossos pais estão em lágrimas, nossos amigos vão-nos ridicularizar, e eu estou humilhado. A quem **eu** posso pedir ajuda? Sou eu quem deveria **liderar!**”

Então, em seu desespero lembrou-

se de algo. Aquele livro que tanto perturbara sua vida, continha uma promessa.

“E quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará a verdade disso pelo poder do Espírito Santo.” (Mor. 10:4)

Que gloriosa promessa! E terrificante também! Ele ainda não ousara fazer a prova com medo da resposta. Sua fé estava sendo testada. Se realmente existia Deus, esse Deus responder-lhe-ia; e, se respondesse, o que diria? Se a resposta fosse: “Não, a Igreja não é verdadeira,” então sua mulher e filhos estariam perdidos, sem que pudesse fazer coisa alguma. Mas, se respondesse: “Sim”, tudo aquilo que aprendera e aceitara até então, não valia nada. Agonia e promessa; já não mais podia evitá-los. Ajoelhou-se em oração com lágrimas correndo livremente pelas faces. Lá fora era meia-noite; dentro dele raivava uma nova aurora.

Aquele quarto já não passa de lembrança. Suas quatro paredes talvez estejam confortando ou aborrecendo outro; o tenente, esse já seguiu adiante. Naquela noite ele encontrou, o caminho para a maturidade. Ali, de joelhos, descobriu que Deus vive. Veio a entender o propósito de sua existência e a beleza do crescer, a alegria do progredir. Com a esposa, apanhou os fios da vida e com eles teceu uma trama de integridade e amor tão forte como jamais julgara possível; uma trama que resistiria até o fim.



Enganar a Si Mesmo

Presidente Spencer W. Kimball

Do Conselho dos Doze

Anos atrás deparei com uma frase de Karl G. Maeser, o primeiro presidente da atual Universidade de Brigham Young: "Aquele que engana outros é velho, mas o que engana a si mesmo é tolo." Fiquei estupefato.

O Sr. Conrad N. Hilton, da cadeia de Hotéis Hilton, também parafrazeou a mesma idéia: "Aprendi que no mundo existe uma pessoa que jamais queremos enganar, e esta é o próprio eu, pois seria pura estupidez."

O Sr. Hilton falou de uma simples barra de ferro que custa aproximadamente cinco dólares. Mas, essa mesma barra, se transformada em ferraduras, passa a valer dez dólares e cinqüenta centavos; se transformada em agulhas, valeria três mil duzentos e oitenta e cinco dólares. E

se usada para fazer molas de relógio, seu valor ultrapassaria duzentos e cinqüenta mil dólares. (Aproximadamente Cr\$ 30,00, Cr\$ 62,00, Cr\$ 19.710,00 e Cr\$ 1.500.000,00 ao câmbio atual. N. do T.)

Aparentemente o valor do ferro bruto se resume no custo de extração do minério. Seu valor maior é determinado pelo que se faz nele. As pessoas são bastante semelhantes ao ferro. Vós ou eu podemos continuar sendo nada mais que a matéria-prima, ou então sermos polidos ao grau máximo. Nosso valor é determinado pelo que fazemos de nós.

O pintor francês Millet,¹ pagou cerca de Cr\$ 1,50 por um pedaço de tela, e mais uns Cr\$ 3,00 por um pincel e algumas tintas. Depois, naquele pedaço de tela aplicou toda a

glória de seu gênio como pintor, dando-nos uma obra de arte intitulada **Angelus**, vendido eventualmente por Cr\$ 630.000,00. Em outras palavras, Cr\$ 4,50 de matéria-prima combinadas com inspiração, habilidade e entusiasmo podem ser vendidas por mais de Cr\$ 629.995,50.

Quantas vezes tenho falado com homens que, depois de passarem anos e anos desperdiçando dissolutamente energias, tempo e esforço, mais tarde se encontram. O lamento é sempre o mesmo: "Que grande tolo eu fui! Por que não pude perceber antes as alegrias do servir? Ali, todos aqueles anos que desperdicei. Enganei a mim próprio."

Já não tendes visto pessoas pagar altas somas a um profissional para depois ignorar seu conselho, ou desperdiciar muito dinheiro com um me-

dicamento prescrito e depois jogá-lo fora? Pois bem, essas pessoas não praticaram esbulho mais impiedoso contra si mesmas do que aqueles que dão as costas às oportunidades de ouro a fim de se prepararem para uma vida feliz.

Existem ainda muitas outras maneiras de enganarmos a nós mesmos. Podemos nos zangar com nossos pais, um professor, ou o bispo, condenando-nos, com isso, a um total anonimato à medida que minguamos e nos atrofiamos com o veneno e a peçonha da amargura e do ódio. Enquanto a pessoa odiada continua cuidando de sua vida sem se dar conta do sofrimento do inimigo, este está enganando a si mesmo. Em Provérbios 10:18 encontramos o seguinte: "O que encobre o ódio tem lábios falsos, e o que difama, é um insensato.

E há os que procuram libertar-se das obrigações morais declarando-se ateus. A geração atual não tem o monopólio desse auto-engano. Há milhares de anos o salmista já observou que "Deus olhou desde os céus para os filhos dos homens, para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus." A seguir escreve que "todos... se fizeram imundos" e que "não há quem faça o bem, não há sequer um." E a dura punição naquele tempo foi: "Disse o néscio no seu coração: Não há Deus." (Vide Salmos 53:1-3)

"Disse o néscio (ou tolo) no seu coração: Não há Deus." Os filhos de Israel fizeram para si um bezerro de ouro; e, embora sendo de ouro, ele não podia ouvir, nem cheirar, nem enxergar, nem pensar, nem sentir. Eles haviam-se privado de suas jóias e não receberam nada em troca. Quão tolos não foram? Que ceagueira a deles!

Já fui procurado por tantas pessoas desejosas de expressar seu remorso por terem enganado a si mesmas. Como o caso daquele moço que adiou o casamento por diversos motivos — devotar-se livremente à educação superior, acumular bens materiais e outras razões. Depois de finalmente casar-se, disse: "Minha vida é tão maravilhosa agora. Por que desperdicei tantos anos sem estas bênçãos? Troquei dólares por centavos."

Houve uma jovem que teve um filho enquanto solteira, e deu a criança em troca de assistência, despesas hospitalares e anonimato. Anos depois tentou reavê-la, mas foi em vão. Finalmente casou-se, e após alguns anos sem filhos, suas suspeitas foram confirmadas pelo médico e pôs-se a chorar. Ela não teria mais filhos. Ó, por quão pouco ela vendera sua única oportunidade de ser mãe.

Ou então, os dois jovens que julgavam estar profundamente apaixonados um pelo outro. Como o moço não estava vivendo segundo os padrões, decidiram não qualificar-se, no momento, a uma recomendação para o templo. Casaram-se no civil, quando poderiam ter-se unido para a eternidade. Passaram-se os anos e o lar foi abençoado com filhos. Não havia nenhuma atividade religiosa e pouco consolo espiritual, quando a morte sorrateira rompeu os laços matrimoniais e o doce relacionamento familiar.

Aqueles que, após terem resistido durante anos, finalmente encontraram grande alegria no Evangelho, declaram invariavelmente: "Durante todos esses anos escorraçamos os missionários. Por que não lhe demos atenção mais cedo? Poderíamos ter tido muitos anos mais dessa felicidade que gozamos agora."

Eu tive um bom amigo que não era membro da Igreja, pois havia sido pouco avisado contra essa erva daninha tão largamente fumada em todo o mundo. O hábito tomou conta dele, inapelavelmente. Após anos de um cigarro depois do outro, surgiu uma tosse — uma tosse seca e entrecortada. A seguir grande angústia, semanas numa cama de hospital e depois um túmulo recente, coberto de flores. Ele era um homem bom, respeitável, honesto, íntegro. Creio que jamais enganou um seu semelhante; mas a si próprio, como ludibriou! De Sêneca² a Shakespeare aos tempos atuais vem ecoando estas palavras: "Quão tolos são esses mortais!"³

Como alguém poderia justificar o auto-engano? Adiar a vida por valores menores é rejeitar oportunidades. Casar por cerimônia civil quando se pode fazer convênios eternos é assumir riscos insensatos com o futuro.

Deixar de ser ativo na Igreja apenas para contrariar líderes ou dar razão a sentimentos feridos é ludibriar a si próprio. E o Dr. Maeser diz: "O que engana a si mesmo é tolo."

Muitos de nós são tolos em suas relações com o Senhor. Somente um tolo iria adorar o vaso em lugar do oleiro, a árvore de quem a plantou, o ouro em lugar do mestre químico, o intelecto em lugar de quem o fez, a criatura em lugar do criador. Mas quão tolos somos nós mortais para buscar as coisas de valor menor e ignorar seus ensinamentos como sem importância.

Há uns vinte séculos ou mais, dizia o Senhor por intermédio do grande profeta Éter: "Os insensatos zombam, mas lamentarão; mas não se aproveitarão de vossa debilidade, porque minha graça é suficiente para os mansos." (Éter 12:26)

Como podemos receber dessa graça e amor do Senhor? As Escrituras contêm a panacéia para a insensatez humana. Os profetas são nosso guia para o conhecimento. O Mestre é o nosso grande exemplo e a fonte de todo conselho verdadeiro. Em Lucas encontramos:

"...Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!

"Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?"

"E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras." (Lucas 24:25-27)

Eu vos incito, filhos e filhas de Deus, que sois à imagem de vosso Criador, tornai vossa mente semelhante à dele, e disciplinaí e moldai vosso espírito segundo o modelo do Unigênito. O Senhor prometeu que se assim fizerdes, colhereis alegrias eternamente, e jamais precisareis temer de haverdes enganado a vós mesmos, privando-vos do que poderia ter sido.

1. Jean François Millet (1814-1875) — Pintor francês de inspiração neoclássica
2. Lucius Annaeus Sêneca (c. 4 A.C. — 65 A.D.) — Estadista e filósofo romano; foi preceptor de Nero; sua doutrina segue orientação da Escola Estóica.
3. William Shakespeare: Sonho de uma Noite de Verão, III, ii, 115.

Por que Manter-se Moralmente Limpo

Boyd K. Packer

Do Conselho dos Doze

Certamente todos nós tivemos consciência do fato de ter havido um espírito muito poderoso conosco nesta sessão matutina. Suponho que em poucas ocasiões tenho desejado tanto o poder do espírito para me apoiar, quanto nesta hora, para discutir um assunto realmente delicado e difícil.

Há muitos jovens ouvindo-nos hoje, e é para eles, particularmente para os adolescentes, que falo. O assunto será de grande interesse para vocês: "Por que manter-se moralmente limpo".

Abordo-o com a mais profunda reverência, o que poderá surpreender a alguns, já que o tema é daqueles de que mais se tem falado, cantado, e gracejado, e quase sempre de forma indecorosa.

Meu propósito é apoiar o decoro, e não ofendê-lo, enquanto me aventuro a falar sobre este assunto tão delicado.

Jovens, minha mensagem é da mais profunda importância para vocês. Refere-se à sua felicidade futura. É possível que algumas coisas que eu diga sejam novidade para aqueles que ainda não leram as Escrituras.

No princípio, antes do nascimento nesta vida mortal, vocês viviam com nosso Pai Celestial. Ele é real, e vive, verdadeiramente. Há pessoas vivendo na terra que prestam testemunho de sua existência. Já ouvimos os seus servos fazerem-no nesta sessão. Ele vive, e eu dou testemunho disso.

Lá ele os conhecia, e porque os amava, estava ansioso pela felicidade e progresso eterno de vocês. Ele desejava que vocês fossem capazes de decidir livremente, e crescer através do poder das escolhas acertadas, de maneira que pudessem tornar-se tais como ele. Para podermos alcançar isso, foi-nos necessário deixar a sua presença: Algo parecido com a ida para uma escola. Foi apresentado um plano e todos anuíram em afastar-se da presença de nosso Pai Celestial para experimentar a vida na mortalidade.



Duas grandes coisas nos esperavam, ao chegarmos a este mundo. A primeira, que receberíamos um corpo mortal, criado à imagem de Deus. Por intermédio dele, e através do seu controle adequado, podemos alcançar a vida e a felicidade eternas. A segunda, é que seríamos provados e testados de tal forma, que pudéssemos crescer em vigor e em poder espiritual.

Este primeiro propósito é maravilhosamente importante, porquanto este corpo que nos é dado, será ressuscitado, e nos servirá por toda a eternidade.

Em conformidade com o plano aceito, Adão e Eva foram enviados à terra como nossos primeiros pais, e tiveram a possibilidade de preparar corpos físicos para os primeiros espíritos a serem introduzidos nesta vida.

Foi colocado em nossos corpos, como algo sagrado, o poder de criação. Uma luz, por assim dizer, que tem o poder de acender outras luzes. Dom que se destina a ser usado unicamente dentro dos sagrados laços do matrimônio. Através do exercício desse poder criativo, um corpo mortal pode ser concebido, um espírito nele penetrar, e uma nova alma ser nascida nesta vida.

Esse poder é bom. Ele pode criar e manter a vida familiar, e é na vida em família que encontramos as fontes da felicidade. É dado virtualmente a todo indivíduo nascido na mortalidade. Trata-se de um poder sagrado e importante, e eu repito, meus jovens amigos, que ele é bom.

Vocês que são adolescentes, como qualquer outro filho ou filha de Adão e Eva, têm esse poder dentro de si.

O poder de criação, ou melhor — procriação, não é apenas uma parte eventual do plano — é-lhe indispensável. Sem ele nada teria prosseguimento, e o seu desvirtuamento pode esfacelar o plano.

Grande parte da felicidade que lhes pode advir nesta vida dependerá da forma como usarem esse sagrado poder de criação. O fato de que vocês, rapazes, e vocês moças, podem tornar-se pais e mães, é da mais alta importância, para vocês mesmos.

Quando este poder se desenvolver dentro de vocês, ele os impulsionará a buscar um companheiro, e os habilitará a amá-lo e conservá-lo.

Repito: este poder de agir na criação da vida, é sagrado. Vocês poderão algum dia ter uma família própria. Por intermédio do exercício desse poder, vocês poderão convidar crianças a viver consigo — garotinhos e meninos que lhes pertencerão — criados de certa forma à sua própria imagem. Vocês poderão estabelecer um lar, um domínio de poder, influência, e oportunidade. Isto traz paralelamente grande responsabilidade.

Esse poder criador carrega consigo desejos e impulsos muito fortes. Vocês já os têm sentido, na modificação de suas atitudes e interesses.

Ao entrar na adolescência, quase que instantaneamente um menino ou uma menina se tornam algo novo e intensamente interessante, um para com o outro. — Vocês notarão mudanças de forma e feição em seus próprios corpos e nos de outros, e experimentarão os primeiros sussurros do desejo físico.

Necessário foi que tal poder de criação tivesse pelo menos duas dimensões: Primeira, deveria ser forte; segunda, precisaria de ser mais ou menos constante.

Esse poder teria que ser forte, porque a maioria dos homens, por natureza, busca aventura. Não fora pela constrangedora persuasão desses sentimentos, os homens se mostrariam relutantes em aceitar a responsabilidade de manter um lar e uma família. Esse poder precisa também de ser constante, porque torna-se um liame que une a vida familiar.

Creio que vocês são suficientemente crescidos para olhar o reino animal em redor. Logo perceberão que, onde esse poder de criação é algo fugaz, que se expressa somente em certas ocasiões, não existe vida familiar.

É através desse poder que a vida continua. Um mundo cheio de provações, temores e desapontamentos, pode ser convertido num reino de esperança, alegria e felicidade. Cada vez que nasce uma criança, o mundo, de certo modo, se renova em inocência.

Mais uma vez quero dizer-lhes, jovens, que esse poder dentro de vocês é bom. É um dom de Deus, nosso Pai, e no reto exercício dele, e em nenhuma outra circunstância, podemos nos aproximar mais do Pai.

Podemos ter, em pequena escala, muito daquilo que nosso Pai nos Céus tem, ao governar seus filhos. Nenhuma escola, ou campo de teste melhor poderia ser imaginado.

Existe, portanto, motivo para assombro, se na Igreja o casamento é tão sagrado e importante? Podem vocês compreender por que o seu casamento, que lhes libera o uso desses poderes de criação, deveria ser o passo mais cuidadosamente planejado e mais solenemente considerado da vida? Deveríamos nós considerar espantoso que o Senhor ordenasse que os templos fossem construídos, para o propósito da realização de cerimônias matrimoniais?

Agora, existem outras coisas que quero dizer-lhes, a título de advertência. No princípio havia um dentre nós que se rebelou contra o plano de nosso Pai Celestial, e jurou destruí-lo e esfacelá-lo.

Foi-lhe negado ter um corpo mortal, e ele foi expulso — impedido para sempre de possuir um reino seu, e tornou-se satanicamente ciumento. Ele sabe que esse poder de criação não é apenas um incidente no plano, mas a sua chave.

Ele sabe que se puder seduzir vocês a usarem esse poder prematuramente, a usá-lo cedo demais, ou fazer mau uso dele de qualquer forma, vocês poderão facilmente perder suas oportunidades de progresso eterno.

Ele é um ser real do mundo invisível, e tem grande poder, que há de usar para persuadí-los a transgredir as leis estabelecidas para a proteção dos sagrados poderes da criação.

Em tempos passados ele era esperto demais para colocar diante de alguém um convite aberto para a imoralidade, mas preferivelmente, sorradeira e silenciosamente tentava jovens e velhos a pensarem de maneira menos séria a respeito desses sagrados poderes de criação, de maneira a rebaixar a um nível vulgar e comum aquilo que é sagrado e belo.

Atualmente suas táticas têm mudado. Ele o descreve apenas como um apetite a ser satisfeito, e ensina que não há responsabilidades ligadas ao uso desse poder. O prazer, dir-lhes-á ele, é o único propósito.

Seus convites demoníacos aparecem em cartazes, são apresentados sob a forma de piadas, e escritos em letras de músicas, são dramatizados na televisão e no cinema; estarão olhando para vocês atualmente na maioria das revistas. Existem certas revistas — vocês conhecem o termo: pornografia. Abertas e pecaminosas persuasões para perverter e fazer mau uso desse poder sagrado.

Vocês estão crescendo numa sociedade em que, diante de si, encontram o convite constante para violentar esses poderes sagrados.

Quero dar-lhes um conselho, e gostaria que se lembrassem destas palavras.

Não permitam que ninguém toque ou manuseie o seu corpo, ninguém mesmo! Aqueles que lhes falam de outra maneira estão tentando atraí-los para partilhar a sua culpa. Nós lhes ensinamos que mantenham a sua inocência.

Afastem-se de todos os que quiserem persuadí-los a experimentar esses poderes criadores da vida.

Não é suficiente o fato de que tal indulgência é largamente aceita na sociedade atual!

Não é suficiente que ambas as partes consintam livremente em tais atos!

Imaginar que isso seja uma expressão normal de afeto, não é suficiente para tornar correto o ato.

O único uso justo desse poder sagrado é dentro do convênio do casamento.

Nunca façam mau uso desses sagrados poderes.

E agora, meus jovens amigos, devo dizer-lhes solene e seriamente, que Deus declarou em linguagem inconfundível, que a miséria e o sofrimento hão de acompanhar a violação das leis da castidade. "Iniquidade nunca foi felicidade." (Al. 41:10) Essas leis foram estabelecidas para guiar todos os seus filhos no uso desse dom.

Ele não tem de ser rancoroso, ou vingativo, para que a punição venha em decorrência da quebra do código moral. As leis estão estabelecidas por si mesmas.

Serão coroados de glória os que viverem retamente. A perda da coroa pode bem constituir suficiente punição. Com frequência mesmo, costumamos ser punidos por intermédio dos próprios pecados que cometemos, tanto quanto somos punidos também por causa deles.

Tenho certeza de que, ao alcance de minha voz, existe mais de um jovem que já caiu em transgressão. Alguns de vocês, moços, quase sem nenhuma intenção, mas persuadidos pelos estímulos e tentações, já fizeram mau uso desse poder.

Saibam então, meus jovens amigos, que existe um grande poder purificador, e saibam que podem ser purificados.

Se vocês estão fora da Igreja, o convênio do batismo representa, por si mesmo, entre outras coisas, um lavamento e uma purificação.

Para os que pertencem à Igreja existe um caminho, não inteiramente indolor, mas certamente possível. Vo-

cês poderão postar-se puros e sem manchas diante do Senhor. A culpa ter-se-á ido, e vocês poderão estar em paz. Procurem o bispo, que é portador da chave do poder purificador.

Desse modo, um dia, vocês poderão conhecer a plena e correta expressão desses poderes, e a correspondente felicidade e alegria numa virtuosa vida familiar. No devido tempo, dentro dos laços do convênio do casamento, vocês poderão render-se àquelas sagradas expressões de amor que têm como coroamento a geração da própria vida.

Algum dia vocês terão nos braços um bebezinho e saberão que dois de vocês agiram, em colaboração com nosso Pai Celestial, na criação da vida. E como o bebê pertence a vocês, então chegarão a amar alguém mais do que a si mesmos.

Essa experiência só pode vir, tanto quanto sei, por intermédio da geração de filhos ou, talvez, através da adoção de crianças nascidas de outrem, mas ainda assim acrescentadas aos convênios da família.

Pode ser que alguns de vocês não venham a experimentar as bênçãos do casamento. Protejam, a despeito disso, esses sagrados poderes de criação, porque existe um grande poder de compensação que pode muito bem aplicar-se a vocês.

Através desse amor que vocês terão a alguém, mais do que a si mesmos, tornar-se-ão verdadeiramente cristãos. Então vocês saberão, como poucos outros hão de saber, o que significa a palavra "pai", quando usada nas Escrituras. Poderão sentir algo do amor e preocupação que Ele tem por nós.

Deveria ter grande significação o fato de que, dentre todos os títulos de respeito, honra, e admiração que lhe poderiam ser aplicados, o próprio Deus, aquele que é o Altíssimo, tivesse escolhido ser chamado simplesmente Pai.

Protejam e guardem esse seu dom. Sua felicidade está realmente ameaçada. A vida familiar, eterna, que agora pertence apenas às suas antecipações e sonhos, pode ser alcançada porque o Pai Celestial concedeu a todos vocês esse dom mais valioso que todos — esse poder de criação. Trata-se da própria chave da felicidade. Conservem-no como algo santo e puro. Usem-no somente como o Senhor aconselhou.

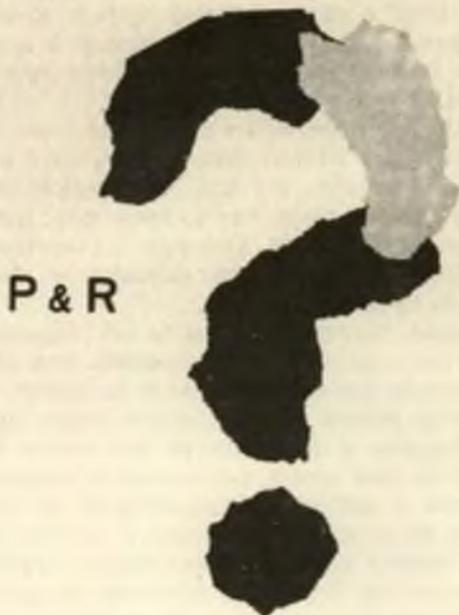
Meus jovens amigos, há muito felicidade e alegria a ser encontrada nesta vida, posso testificar-lhes.

Imagino vocês com o companheiro a quem amam e que também os ama. Imagino vocês no altar matrimonial, entrando em convênios sagrados. Imagino vocês em um lar onde o amor tem sua realização. Imagino vocês com filhinhos ao redor, e vejo o seu amor crescendo com eles.

Não posso colocar moldura em tal quadro, nem o faria se o pudesse, porque ele não tem limites. A sua felicidade não terá fim se vocês obedecerem as leis do Senhor.

Imploro as bênçãos de Deus sobre vocês, juventude nossa. Que o Pai Celestial possa cuidá-los e sustentá-los para que na expressão desse sagrado dom possam aproximar-se dele. Ele vive, e é o nosso Pai. Disto presto testemunho, em nome de Jesus Cristo. Amém.

As respostas visam dar orientação e esclarecimento, não devendo ser encarados como pronunciamentos doutrinários da Igreja.



“E Quanto à Cremação”



Spencer J. Palmer
Presidente, Estudos Asiáticos
Universidade Brigham Young, e
Ex-presidente da Missão Coreana

Eu, pessoalmente, prefiro que os corpos dos que são levados pela morte sejam sepultados na terra, em túmulos, em lugar de serem cremados (prática comum entre os indus e budistas) ou colocados sobre sagradas “torres de silêncio” para que a carne corruptível seja consumida pelos abutres (segundo o costume dos adeptos do zoroastrismo¹) ou tenham outro destino qualquer. Eu prefiro assim, por pertencer ao mundo ocidental e ser preconcebido em favor de suas tradições.

Porém, do ponto de vista SUD, há muito mais do que isso.

Desde os tempos antigos, o povo do Senhor tem dado preferência ao sepultamento de seus mortos. Nas Escrituras é o ideal invariável. Essa tradição simboliza os ensinamentos evangélicos de morte, sepultamento e ressurreição — a expiação de Cristo — e do batismo por imersão, conforme Paulo sugere em Romanos 6. Os corpos dos falecidos é parte essencial da alma eterna. São tabernáculos sagrados do espírito. Por respeito aos mortos, suas sepulturas devem ser escolhidas com cuidado e devidamente conservadas. Mas não vejo justificação alguma para as teorias confucianas de geomancia, de que determinadas configurações do terreno (topografia) sejam consideração essencial na escolha do lugar de sepultamento dos mortos. Tampouco existe qualquer razão para pensar que os mortos gastem seu tempo procurando punir, governar ou recompensar a parentela viva de acordo com os cuidados recebidos na hora da morte e depois. As sepulturas não são santuários. O corpo é ali colocado simbolicamente à semelhança de sua ressurreição da tumba, mas a vida e personalidade do falecido não está dentro, nem pairando sobre a sepultura. O espírito dos falecidos vão para um lugar chamado paraíso, um mundo de espíritos, aguardando ali o dia da ressurreição.

Eu encontro sentido e contentamento na imagem idílica da morte e da ressurreição expressa certa vez por Joseph Smith num serviço fúnebre.

“O lugar onde um homem é sepultado é sagrado para mim. É um assunto mencionado no Livro de Mórmon e em outras Escrituras. Mesmo os aborígenes desta terra consideram as tumbas de seus ancestrais mais sagrados do que outra coisa qualquer...”

“Creio ser invejável a condição daqueles que sepultaram seus amigos aqui. Vejam Jacó e José no Egito, como pediram aos amigos que os sepultassem na tumba de seus antepassados. Pensem na despesa exigida pelo embalsamento e longa viagem do numeroso grupo acompanhante.

“A falta de um sepultamento digno sempre tem sido considerado grande calamidade; e uma das maiores maldições que os profetas antigos podiam impor a um homem, era que não teria um sepultamento condigno.

“Tenho rogado: Pai, meu desejo é morrer aqui entre os santos. Mas se não for da tua vontade, e eu morrer em outra parte, por favor, encontra um amigo bondoso que traga meu corpo de volta, e junte meus amigos que caíram em terras estrangeiras, trazendo-os aqui, para que todos possamos descansar juntos.

“Vou dizer-vos o que desejo. Se amanhã eu for chamado a deitar-me naquela tumba, na manhã da ressurreição tomarei as mãos de meu pai bradando: ‘Meu pai’, e ele dirá: ‘Meu filho, meu filho’, tão logo as rochas se fendam e mesmo antes de sairmos das sepulturas.

"E será que podemos considerar as coisas dessa maneira? Sim, se aprendermos como viver e como morrer. Quando nos deitamos nós projetamos como nos levantaremos pela manhã..."

"Acharíeis estranho se eu relatasse o que contemplei em visão, relacionado a esse assunto interessante?..."

"A visão era tão clara que pude ver nitidamente os homens antes de saírem da sepultura, como se estivessem erguendo-se lentamente. Eles tomaram-se mutuamente pelas mãos e diziam um ao outro: 'Meu pai, meu filho, minha mãe, minha filha, meu irmão, minha irmã'. E quando se fizer ouvir a voz que manda os mortos se levantarem, suponhamos que eu esteja deitado ao lado de meu pai, qual seria a primeira alegria de meu coração? Encontrar-me com meu pai, minha mãe, meu irmão, minha irmã. E quando estiverem ao meu lado, eu os abraço e eles a mim." (**Teachings of the Prophet Joseph Smith** /Deseret Book Co., 1961/ pp. 294-96)²

Este é o ideal — o perfeito modelo de morte e ressurreição. Mas, desafortunadamente, esse tipo de morte e sepultamento nem sempre é possível ao homem. Nem seja, talvez, sempre desejável. Gente demais, sofre morte horrível e violenta. Pilotos são derrubados e seus corpos às vezes ficam-se consumindo em campos de prisioneiros; os corpos humanos são muitas vezes mutilados, dilacerados, destruídos e, às vezes, inteiramente eliminados por explosões, fogo ou acidentes. Alguns são sepultados no mar e devorados pelos animais marinhos. Nem todos os corpos, nem mesmo de todos os justos e fiéis, podem ser sepultados inteiros, ou até mesmo sepultados na terra. Em determinadas partes da Europa e no Sul dos Estados Unidos o lençol freático é tão alto que impede o sepultamento na terra. Por isso os corpos são frequentemente encerrados em nichos ou gavetas acima do solo e até mesmo em diversas camadas superpostas.

No mundo de hoje, as leis locais de certos países proibem o sepultamento, incentivando a cremação; certas áreas metropolitanas na Ásia são tão superpovoadas que os túmulos passaram a ser um luxo de preço exorbitante. Funerais e sepultamentos são de custo proibitivo para alguns dos mais fiéis membros da Igreja naquela parte do mundo. Daí, embora eu pessoalmente prefira o embalsamento e a sepultura, e seja o costume seguido pelo povo de Israel, aparentemente não há nada nas Escrituras ou na teologia da Igreja que proíba a cremação. Certamente não resta dúvida de que as pessoas cujo corpo é destruído pelo fogo (cremado), como aconteceu a uma irmã coreana em recente incêndio de hotel, levantar-se-ão intactas quando da ressurreição dos mortos. Os elementos fundamentais do corpo humano jamais se perdem ou passam a pertencer a outra alma. (Vide **Documentary History of the Church**, vol. 5, p. 339) Elas serão restauradas integral-

mente, conforme a promessa de Alma:

"E esta restauração virá sobre todos, sejam velhos ou moços, escravos ou livres, homem ou mulher, malvados ou justos; e não se perderá nenhum só cabelo de suas cabeças, mas tudo será restaurado à sua perfeita forma, ou no corpo, como se encontra agora..." (Alma 11:44)

É preciso que reconheçamos, todos nós, que há no mundo, santos dos últimos dias que preferem a cremação ao sepultamento. Eis aqui, por exemplo, a opinião de um jovem santo dos últimos dias japonês, ex-missionário, atualmente cursando a Universidade Brigham Young, estudante em destaque e membro respeitado da Igreja.

"No Japão costumamos cremar os despojos de nossos mortos e eu acho definitivamente esta prática mais higiênica do que enterrar o corpo de alguém. Após a cremação só restam cinzas e alguns ossos. Apenas procurem imaginar a decomposição dos corpos sepultados na terra para serem eventualmente consumidos pelos vermes e bactérias. Provavelmente se resume numa forma de criação. Porém, após o espírito partir, o corpo é matéria sem vida. Essa matéria ressurgirá na ressurreição, não importa se queimada ou sepultada na terra. No que concerne às doutrinas da Igreja, não encontro nada de errado na cremação. Prefiro a higiene para os vivos ao sentimentalismo pelos mortos."

Eu também acho que há circunstâncias incomuns em que a cremação é preferível e de acordo com o pensamento e vontade do Senhor. A experiência de meu ex-presidente de missão há uns vinte anos atrás, relacionada à morte de Mark Johnson Vest, membro ameríndio da tribo cocoapas, é um exemplo vívido e memorável.

O irmão Vest era presidente de ramo de um grupo ativo de membros por ocasião de sua morte. A caminho do Arizona para o funeral do irmão Vest, o presidente da missão orou fervorosamente ao Senhor indagando por que o irmão Vest fora chamado. Durante a oração ele visualizou Mark Johnson Vest em pé diante de um grande grupo de índios, o qual estimou em perto de dez mil, pregando o Evangelho. Então um dos índios no meio do grupo levantou-se e falou: "Não dêem atenção a este homem. Ele não é um lamanita, é nefita!" Imediatamente Mark Johnson Vest, apurando-se em toda a sua estatuta, respondeu: "Eu não sou nefita! Sou um lamanita e quando morri fui cremado de acordo com o costume de meu povo."

Quando o presidente da missão chegou à localidade do funeral, o presidente da estaca comunicou-lhe que surgira um sério problema. A tribo de Mark, os cocoapas, queriam que fosse cremado segundo as antigas tradições. A gente da tribo de sua mulher queria que fosse "apropriadamente enterrado." Os cocoapas haviam ameaçado desenterrá-lo, a fim de procederem à cremação.

Durante o serviço fúnebre, o presidente relatou a visão tida durante a noite. Isto solucionou o problema da cremação a contento de ambas as tribos, e não houve mais discussões entre eles sobre o assunto. Após os serviços fúnebres, o presidente da missão e esposa presenciaram a cremação de Mark Johnson Vest.

1. Zoroastrismo ou Masdeísmo — Religião dos povos iranianos antes de se converterem ao islamismo, cuja fundação é atribuída a Zoroastro.
2. Comentários do Profeta por ocasião da morte de Lorenzo D. Barnes.

2

“Meu noivo e eu estamos planejando casar-nos no templo. Podemos ser informados de antemão sobre a cerimônia no templo e quais são as promessas e compromissos que se esperam de nós?”



Presidente O. Leslie Stone
Templo de Salt Lake

Há muitas coisas que vocês podem e devem saber antes de virem ao templo para o seu “endowment” (investidura) e selamento. Vocês devem saber que o “endowment” é um grande dom de Deus, pois ensina-lhe como retornar à sua presença e ganhar a salvação,

exaltação e vida eterna. Não existem dons maiores do que estes, mas ficam na dependência de vocês guardarem os convênios que tem de fazer com o Senhor em sua santa casa.

Segue uma citação de um artigo escrito pelo Élder John A. Widtsoe do livro **Saviors on Mount Zion**, por Archibald F. Bennett, (p. 166):

“As ordenanças do ‘endowment’ incorporam certas obrigações por parte do indivíduo, tal como o convênio e promessa de observar estritamente a lei da virtude e castidade, ser caridoso, benevolente, tolerante e puro; de dedicar tanto seus talentos como bens materiais à difusão da verdade e enaltecimento da raça; de manter-se fiel à causa da verdade; e de procurar, de todos os modos, contribuir para a grande preparação da terra a fim de que esteja pronta para receber o seu Rei — o Senhor Jesus Cristo. Com o recebimento de cada convênio e aceitação de cada obrigação é prometida uma bênção, condicionada a fiel observância das condições.”

O casamento no templo difere bastante do casamento civil, pois que no templo vocês serão legalmente casados e selados como marido e mulher para **o tempo e toda a eternidade**, e grandes bênçãos são seladas sobre os dois para esta vida e a vida futura. O casamento no templo é o início de uma nova unidade familiar eterna e que é essencial para o progresso eterno de vocês. As crianças havidas dessa união são “nascidas sob convênio” e por conseguinte, tornam-se membros da família pelo tempo e toda a eternidade.

Naturalmente vocês não ignoram que precisam ser considerados dignos por seu bispo e presidente de estaca antes de receberem permissão de entrar no templo. Se desejam receber as bênçãos que procuram, vocês precisam não apenas ser dignos de entrar no templo como têm que continuar levando uma vida reta. Se não viverem dignamente, não receberão as bênçãos. Se guardarem os convênios, vocês têm a promessa do Pai Celestial de que receberão essas grandes bênçãos:

“Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma.” (D&C 82:10)

Vocês podem estar certos de que todos os convênios que lhes serão requeridos ajudá-los-ão a viver melhor, se os guardarem. Vocês serão bons pais, bons membros da Igreja, bons cidadãos da comunidade, honestos em seus negócios e assim fazendo, estarão honrando seus pais, o que é um mandamento do Senhor.

“Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.” (Êxodo 20:12)

Os convênios que lhes será requerido fazer no templo são sagrados e jamais são discutidos fora de seus muros. Contudo, eu lhes asseguro que, se forem obedientes aos mandamentos de Deus, não terão dificuldades em cumprir os convênios feitos em sua santa casa.

"Eis que ele somente requer que guardeis seus mandamentos; e prometeu que se guardardes seus mandamentos prosperareis na terra; e ele é invariável no que disse; portanto, se guardardes seus mandamentos, ele vos abençoará e vos fará prosperar." (Mosiah 2:22)

O grande princípio fundamental às ordenanças do templo foi certa vez resumido pelo Profeta Joseph Smith nestas palavras:

"Há uma lei, irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos."

"E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia." (D&C 130:20,21)



"O que é necessário para obter a Glória Celestial?"



Lynn A. McKinley
Professor de doutrina do Evangelho
Catedrático de comunicações
Universidade Brigham Young.

Quando Joseph Smith foi divinamente comissionado como o Profeta inaugurador da dispensação da plenitude dos tempos, o então prevalecente misticismo e sentimentalismo religioso como essência da religião, recebeu um golpe mortal.

Dali em diante a religião pôde ser vista claramente como lei eterna operando sobre as coisas e os seres humanos. Portanto, a glória celestial, o supremo grau de glória provido por um Pai justo e misericordioso, não é para ser conseguido pelo mero desejo fervoroso depois de confessar-se o nome de Cristo; tampouco era para ser obtido acumulando-se méritos com freqüentes boas obras.

Esses sentimentos e atos por si só possam, talvez, qualificar a pessoa digna para a glória terrestre, mas não a celestial. Pois que, embora o desejo fervoroso e as boas obras sejam seguramente parte essencial do viver celeste, existe nele uma dimensão que excede em muito os limites da dimensão terrestre, assim como o sol ultrapassa a lua em poder e esplendor.

A lei que rege a realidade e a força da experiência celeste foi explicada ao Profeta Joseph Smith da seguinte maneira:

"E este Sacerdócio Maior administra o Evangelho e possui a chave dos mistérios do reino, mesmo a chave do conhecimento de Deus."

"Portanto, nas suas ordenanças, se manifesta o poder de divindade."

"E sem as suas ordenanças, e a autoridade do Sacerdócio, o poder de divindade não se manifesta aos homens na carne." (D&C 84:19-21)

O recebimento das ordenanças do Evangelho por alguém diretamente imbuído com o poder e autoridade do próprio Mestre inicia a pessoa, pela administração da lei, na dimensão de vida celestial. E o contínuo desenvolvimento dos inigualáveis poderes divinos provenientes de todas as ordenanças do Evangelho restaurado de Cristo, incluindo o casamento celestial, inevitavelmente produzirá frutos da mais alta classe de exaltação no reino celestial, pois o Senhor falou:

"Aqueles que forem do espírito receberão o mesmo corpo que fora mortal; assim receberéis os vossos corpos, e a vossa glória será aquela pela qual os vossos corpos são vivificados."

"Vós que sois vivificados por uma porção da glória celeste então receberéis a plenitude dela."

"E aqueles que são vivificados por uma porção da glória terrestre, então receberão sua plenitude."

"E também aqueles que são vivificados por uma porção da glória celeste, então receberão sua plenitude." (D&C 88:28-31)

Observar cuidadosamente e viver a lei do reino celestial, o que inclui toda a verdade, coisas boas e beleza dos reinos terrestres e celeste, constitui o necessário para se obter a glória celestial.

A visão emocionante desse conceito é que todas as doces e sublimes alegrias dessa glória não necessitam ser adiadas até a vida depois da ressurreição, mas podem e devem ser experimentadas com crescente freqüência e intensidade todos os dias de nossa vida no mundo.



“O Fazendeiro e o Galo”

Virginia Massey

Era uma vez um velho fazendeiro que tinha um galo grandão chamado Sete.

Toda manhã, assim que rompia o dia, Sete acordava o fazendeiro e sua mulher. E era ele também quem acordava toda a bicharada — os porquinhos, as vacas e as galinhas, além do espantalho.

— Co-co-ro-có-ó! — Sete costumava cantar assim que o sol espiava por cima da borda do mundo.

O fazendeiro acordava com a gritaria de Sete e, aborrecido, ia até a janela, de onde ameaçava com o punho fechado:

— Cale a boca, seu bobão!

A mulher dele levantava-se bem disposta para os trabalhos do dia.

— Os porcos precisam da ração, — lembrava ao marido, — e as vacas têm que beber. Seja grato por ter um galo que o acorda bem cedo, pois algum dia talvez

não tenha tanta sorte.

Certa manhã Sete acordou na hora de costume e pôs-se a pensar: **Por que hei de acordar aquele ingrato! Em vez de agradecer, ele ainda me xinga! . . . Pois agora vou ficar dormindo à vontade como o resto da bicharada.**

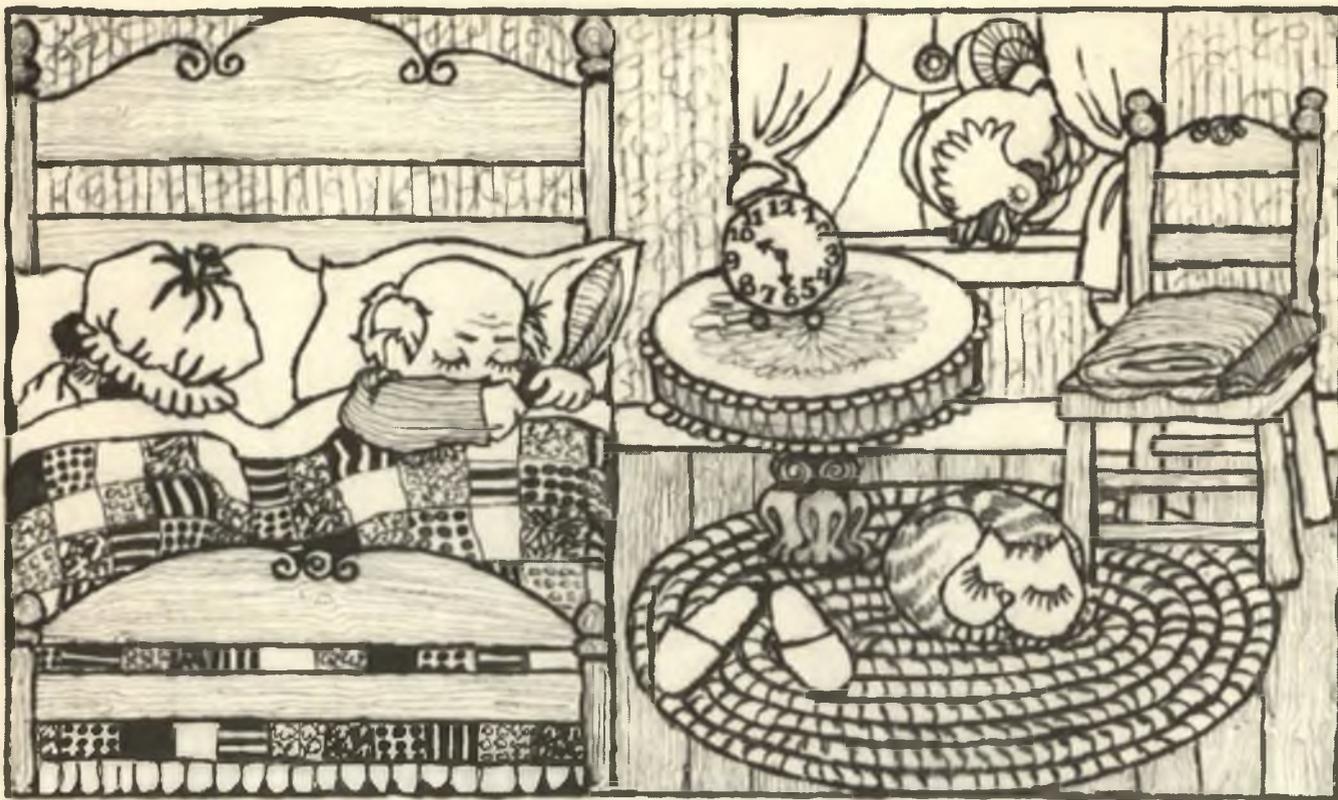
Naquele dia o fazendeiro perdeu a hora de levantar. Logo os porcos reclamavam a ração, as vacas mugiam querendo ser ordenhadas, as galinhas cacarejavam exigindo milho e o espantalho não estava a postos para espantar as gralhas do milharal.

O fazendeiro só conseguiu acabar suas tarefas tarde da noite.

— Amanhã de certo aquele galo bobo voltará a cantar! — comentou com a mulher.

Mas Sete não cantou no dia seguinte. E no outro também não.

O fazendeiro ficou furioso.



— O que aconteceu com você? — quis saber quando encontrou o galo ciscando perto do galinheiro.

Sete simplesmente bateu desdenhosamente as asas.

— O que vou fazer? — perguntou à mulher. — A fazenda vai de mal a pior. Os porcos estão emagrecendo, as galinhas deixaram de botar ovos, o leite das vacas logo azeda e as gralhas estão dando cabo do milharal!

— Experimente um agradinho, — sugeriu a esposa.

— Agradinho, pois sim! — resmungou o fazendeiro.

— Então compre um despertador, — aconselhou a mulher.

— Boa idéia! — concordou o fazendeiro. Foi até a vila e comprou o despertador. À noite deu-lhe corda com todo cuidado e colocou pertinho da cama.

— Tr-r-r-r-rin-in-in! — fez o despertador na manhã seguinte, mas o fazendeiro nada, nem se mexeu.

— E agora, o que vou fazer? — lamentou-se quando finalmente acordou. — Estou tão acostumado com o co-co-ro-có do Sete que não consigo acordar com outra coisa. Ó, o que eu vou fazer?

— Tente um agradinho, — tornou a sugerir sua mulher. — Diga-lhe que você sente falta do seu co-co-ro-có.

E foi exatamente isto o que o fazendeiro fez.

— O seu co-co-ro-có é o mais lindo do mundo inteiro, Sete! — elogiou o fazendeiro e em seguida deu-lhe um punhado de milho.

Bem cedinho na manhã seguinte o galo voou para cima da cerca, bateu alegremente as casas e, esticando ao máximo o longo pescoço preto, cantou:

— Co-co-ro-có-ó! Co-co-ro-có-ó-ó!

O velho fazendeiro e sua mulher pularam da cama. O fazendeiro escancarou a janela e gritou alegremente:

— Bom dia Sete! Como é bom ouvir novamente o seu co-co-ro-có!

Depois saiu apressado a cuidar de suas tarefas. Não demorou muito, todo o trabalho estava feito.

Naquela noite, quando iam-se deitar, a mulher olhou para o marido e comentou sorrindo:

— Não é maravilhoso o que faz um punhado de milho?

— Junto com um pequeno agrado! — riu contente o fazendeiro. Depois meteu-se depressa na cama e logo pegou no sono.

Sombreie todos os espaços marcados com um ponto e descubra o que é.

Coisas Para Fazer



Siga os pontos e veja quem está aqui



Descubra os pássaros exatamente iguais e pinte-os da mesma cor.



Certa vez fui salvo da morte ou acidente sério porque meu pai deu ouvidos à voz do Espírito. Não tivesse ele reagido instantaneamente aos sussurros daquela voz suave e mansa, minha vida poderia ter terminado ali ou ter seu curso totalmente mudado.

Uma de minhas primeiras recordações de infância, é passar por um pomar de macieiras

montado num cavalo. Era um animal manso e bem domado, e eu sentia-me totalmente à vontade na sela.

Mas um dia alguma coisa assustou meu cavalo fazendo-o correr desabaladamente pelo pomar. Os galhos baixos derubaram-me da sela, ficando com um pé preso no estribo. Agarrei-me desesperadamente numa tira de couro prestes a

romper, que os vaqueiros usam para prender o laço à sela. Meu peso deveria ter rompido a tira, mas de alguma forma ela resistiu por um momento. Mais um ou dois saltos do animal em pânico teriam partido ou arrancado o couro de minhas mãos, deixando-me à mercê de ser arrastado impiedosamente com o pé entalado no estribo.

Subitamente o cavalo esta-



Dar Ouvidos ao Espírito

Bruce R. McConkie

Do Conselho dos Doze

De
Um Amigo
para
Outro



cou e notei que alguém segurava firmemente as rédeas procurando acalmar o animal assustado. Quase que no mesmo instante vi-me a salvo nos braços de meu pai.

O que acontecera? O que fizera papai vir em meu socorro no exato momento antes de eu cair sob os cascos do cavalo em pânico?

Meu pai estava sentado dentro de casa lendo o jornal

quando o Espírito lhe sussurrou: "Corra para o pomar!"

Sem a mínima hesitação, sem querer saber por que motivo meu pai saiu correndo. Chegando ao pomar sem saber por quê, ele viu o animal em disparada e pensou: **Eu preciso parar esse cavalo.**

Assim fez e me encontrou. E foi assim que fui salvo de ferir-me seriamente ou até mesmo de morrer.

O Espírito aconselhou Wilford Woodruff a tirar sua parelha de junto da árvore à qual os prendera. Ele obedeceu e quase que imediatamente a árvore foi derrubada por um furacão.

O Espírito mandou o Presidente Joseph F. Smith deixar a plataforma no fim do trem, entrar no vagão e ficar sentado. Ele assim fez, e quase em seguida o trem foi envolvido num acidente.

Conheço um aviador que pilotava um avião militar através de densa nuvem sobre o Vietnã, quando o Espírito disse-lhe que se desviasse para a direita. No momento em que mudou de rumo outro avião passou raspando. Ele evitara uma colisão frontal por poucos metros.

Quando somos batizados, nós recebemos o dom do Espírito Santo, o que é o direito à companhia constante desse membro da Trindade, desde que sejamos fiéis. Este é o maior dom possível de se receber na mortalidade.

Não existe coisa mais necessária para qualquer um de nós do que o cuidado orientador e preservador do Santo Espírito — o Espírito que é concedido pela oração de fé àqueles que amam e servem ao Senhor.

Eu testifico que se amarmos o Senhor, guardarmos seus mandamentos e buscarmos o seu Espírito, seremos abençoados MUITO além do que possamos sonhar.



MÓRMON

Uma história do Livro de Mórmon
narrada por Mabel Jones Gabbott.

- **M**órmon, — disse Amaron, — estive observando-te e vejo que és um menino sensato e de pronto entendimento.

Mórmon levantou os olhos, todo ouvidos. Haviam-se passado trezentos e vinte anos desde que Jesus mandara que os nefitas, habitantes do continente americano, mantivessem registros exatos e perfeitos. Mórmon ouvira a história repetidamente em seus dez anos de vida e admirava o historiador Amaron, a cargo de quem estavam todos os escritos sagrados de seu povo. Por isso escutou atenta e respeitosa enquanto Amaron prosseguia:

— Portanto, quero que te lembres das coisas que tiveres observado relativamente a este povo, e, quando tiveres vinte e quatro anos, vás à colina Shim no país de Antum, onde escondi todos os sagrados registros deste povo. Deverás tirar apenas as placas de Néfi e nelas gravarás tudo o que tiveres visto.

Os olhos de Mórmon brilharam de contentamento quando entendeu todo o sentido das palavras de Amaron. Seu coração palpitava. Era uma grande responsabilidade. Ele estava ansioso de poder ver os anais, manuseá-los e

ler as muitas histórias que continham. Mas, Amaron dissera “quando tiveres vinte e quatro anos...” Aqueles catorze anos pareciam-lhe uma eternidade. Ele, porém, teria que esperar muito mais. No ano seguinte, quando tinha onze anos, o pai (que também se chamava Mórmon) mudou-se com ele para a terra de Zarahemla, um país de muitos edifícios. Ali houve paz por um espaço de aproximadamente quatro anos.

Então, a maldade passou a prevalecer entre o povo de Zarahemla a tal ponto que, quando Mórmon tinha quinze anos, a igreja foi tirada de entre eles, não havendo mais dons de cura, nem milagres, nem bênçãos. E os ladrões de Gadianton, que se achavam entre os lamanitas, infestaram a terra a tal ponto que ninguém mais estava seguro, tampouco suas propriedades, nem tesouros. Mórmon nada temia pois fora visitado pelo Senhor, sendo-lhe dito que esperasse e vigiasse, porém sem pregar ao povo, por causa da dureza de seus corações. Um ano depois irrompeu nova guerra. Mórmon, então com dezesseis anos, foi escolhido pelos nefitas para comandar suas tropas, visto que era de grande estatura e era bom, tendo sempre evitado os caminhos iníquos.



Apesar da confiança que depositavam em Mórmon, quando viram a força e número das tropas lamanitas, os nefitas se acovardaram e recuaram para os países do norte. A ruína foi total e a revolução espalhou-se pela superfície da terra.

Mórmon falou ao povo incitando-o a se manter firme diante dos lamanitas e foi atendido. Os lamanitas bateram em retirada diante de Mórmon e este, pouco mais que um rapazinho, conduziu sua gente a uma grande vitória. Entretanto, a força do Senhor não estava com os nefitas em virtude da sua maldade. Novamente tiveram que recuar para o norte até chegarem ao país onde Amaron havia escondido os anais no monte Shim.

Mórmon tinha agora trinta e quatro anos, porém não se havia esquecido das palavras de Amaron e dirigiu-se para a colina Shim, onde havia muitos registros cuidadosamente guardados, por motivos de segurança. Afinal Mórmon pôde vê-los e manuseá-los. Eram feitos de metal, cada placa totalmente coberta com finas gravações. Mórmon ficou lendo e estudando os registros enquanto pôde, mas levou consigo somente as placas de Néfi conforme havia sido instruído.

Depois, Mórmon reuniu seu povo levando-o em direção ao norte para a terra de Shem, e combateram os lamanitas e os ladrões de Gadianton até conseguirem reaver as terras de sua herança. Fizem um tratado de paz e não houve mais guerras durante dez anos. Mórmon, por ordem do Senhor, exortou o povo a arrepender-se de suas maldades, a crer em Jesus e a edificar a sua igreja. Mórmon amava o povo; ele orava por eles e procurava fazê-los ver que estavam errados, mas não queriam escutar o que ele lhes dizia. O povo havia-se esquecido do Senhor. Queriam somente lutar, matar e desferrar-se dos lamanitas. Mórmon voltou-se para os registros. “Eu falo,” dizia, “a todos os confins da terra.” Escreveu a respeito de seu povo e da bondade de Jesus.

Era difícil gravar a escrita nas placas de metal, mesmo com os melhores instrumentos.

Ele trabalhou durante muito tempo e com afiço, além de estudar os escritos dos que o haviam antecedido. Havia muitos e muitos registros, porém a mesma história se repetia continuamente. Quando o povo servia a Jesus, reinava a felicidade; quando dele se esqueciam, sobrevinha dor e sofrimento. Mórmon ficou imaginando como fazer o mundo conhecer esses testemunhos de Jesus e por isso decidiu escrever um resumo de todos aqueles registros. Durante vinte e oito anos, enquanto nefitas e lamanitas prosseguiram em suas lutas, Mórmon redigiu o resumo não ousando contar tudo o que havia presenciado por causa do mandamento divino de não fazê-lo e também para não afligir em demasia os futuros leitores com as grandes iniquidades daqueles tempos.

Mórmon retirou todos os registros escondidos por Amaron na colina Shim quando seu povo foi impelido para o norte.

Em seguida conduziu o povo para a terra de Cumôra, onde armaram suas tendas no monte do mesmo nome. Mórmon tinha agora setenta e cinco anos e previa que aquela seria a batalha derradeira de seu povo. Os lamanitas eram inúmeros e muito fortes. Os nefitas reuniram homens, mulheres e crianças para lutar. Estavam aterrorizados, mas ainda assim lutaram — lutaram com todas as suas forças e tudo que servisse de arma. Mórmon assumiu o comando das tropas, mas não pôde impedir a matança. Milhares e milhares de nefitas caíram no campo de batalha, até que sobraram apenas vinte e quatro pessoas.

Mórmon escreve que a sua “alma estava despedaçada de angústia”. Ele lamentava as muitas mortes e chorava por saber que todas aquelas batalhas poderiam ter sido evitadas se apenas o povo se tivesse arrependido de sua iniquidade e servisse ao Senhor.

Mórmon também fora ferido e sabia que estava para morrer. Por isso pediu ao filho Morôni que terminasse o Livro de Mórmon e depois o ocultasse junto dos demais registros sagrados. E ele assim fez.

Normas e Procedimentos

COLEÇÃO DE AUTÓGRAFOS E SAUDAÇÃO DE AUTORIDADES GERAIS.

“Ocorre na Igreja uma crescente tendência dos membros solicitarem autógrafos de autoridades gerais que visitam estacas e missões. Em certos lugares desenvolveu-se uma competição em busca do maior número de assinaturas possíveis em hinários e mesmo livros de Escrituras. Os pedidos de autógrafos ao final das reuniões transformam-se em distração, dificultando às autoridades gerais cumprimentar as pessoas. Além disso, confere a esses irmãos, uma certa imagem de celebridade que não se coaduna com o santo chamado que a Igreja confiou. . .

“As autoridades gerais apreciam sinceramente a oportunidade de cumprimentar os membros da Igreja. Cumprimentar os membros e com eles trocar um aperto de mão está bem mais de acordo com nosso tipo de reuniões e nossa maneira de adorar, do que os líderes darem autógrafos.

GRAVAÇÃO DE DISCURSOS DAS AUTORIDADES GERAIS.

Chamamos atenção para o seguinte pronunciamento: ‘Os discursos das autoridades gerais nas conferências de estaca ou outra ocasião qualquer, não devem ser gravados

sem prévio consentimento dos respectivos oradores.’

“Pedimos que essa resolução seja levada ao conhecimento dos membros da Igreja visto que um número crescente destes parece estar levando gravadores às conferências de estaca e outras reuniões em que haja presença de autoridades gerais.”

PROCEDIMENTO EM SERVIÇOS FÚNEBRES.

“Com respeito a funerais, chamamos atenção para o seguinte:

“Tem surgido o costume de muitas vezes eliminar os números musicais no início e final desses serviços, colocando-os somente perto do meio do programa. Solicita-se que daqui por diante, todos os funerais conduzidos sob os auspícios de oficiais da Igreja sigam o andamento comum da reunião sacramental com respeito a música, oradores e preces. Deve-se usar música na abertura do serviço antes da primeira oração e possivelmente logo a seguir também, como em nossas reuniões dominicais. A parte final do serviço fúnebre deve igualmente seguir o padrão costumeiro de um número musical imediatamente antes da última oração. Quando possível e conveniente, pode-se usar um coro no programa musical.

“Com respeito aos discursos, é preciso não esquecer que os serviços fúnebres são excelente oportunidade para se ensinar as doutrinas básicas da Igreja sob aspecto positivo.

“Não é necessário que o bispo lidere a procissão pela capela quando for introduzida a urna funerária.

“A obediência a estas sugestões contribuirá para que nossos serviços continuem de acordo com os padrões estabelecidos, evitando outras práticas atualmente tão em voga.”

A Paz Provém de Onde ?

Esta manhã, quando entrei no Tabernáculo, disse-me um dos irmãos presentes:

— Bispo, estou ansioso por ouvi-lo falar hoje à tarde. — Depois acrescentou:

— Você será o último.

Suponho que o que ele tinha em mente é que esta grande conferência nos trouxe tanto, tantas coisas boas — o testemunho dos profetas, videntes e reveladores, modificações emocionantes, e o testemunho dos irmãos de que Deus vive e que Jesus é o Cristo — fazendo até nosso cálice transbordar.

Que grande bênção não é estabelecer-se um rumo e depois trabalhar diligentemente nesse sentido! Na década passada tive o privilégio de trabalhar com dois homens maravilhosos. Vós vistes as boas obras e ouvistes as boas palavras do Élder Robert L. Simpson e do Bispo Victor L. Brown. Esta não é uma despedida ou um adeus, mas sempre guardarei na lembrança a experiência de ter trabalhado com esses dois excelentes homens de Cristo. Que Deus os abençoe e abençoe a Igreja pelo trabalho deles.

Eu sei que somos guiados por revelação. Ela nos vem por intermédio do profeta de Deus, Joseph Fielding Smith. Tenho refletido bastante sobre isto, porque sei que ele é um profeta e que seus conselheiros, servindo com ele, servem a Deus.

Ao pensar sobre o que poderia dizer nesta conferência, eu não tinha conhecimento da mudança em minha designação. Quando estive recentemente no Havaí, uma jovem havaiana aproximou-se de nós cumprimentando-nos com os braços erguidos e dois dedos levantados em cada mão. Perguntei-lhe o signifi-



John H. Vandenberg

Assistente do Conselho dos Doze.

cado daquele sinal e ela, com um largo sorriso, respondeu de pronto: — Paz.

Viajando pelas rodovias, freqüentemente passamos por automóveis, cujos ocupantes moços nos fazem o mesmo sinal. Encontramos a palavra **paz** pintada em paredes, cercas, passeios e, às vezes, em colorido psicodélico, nos veículos.

Admiramo-nos com esse aparente interesse pela paz da geração de hoje. Será diferente do das gerações passadas? O que queremos dizer com tais expressões de paz? Será alguma moda passageira ou existirá uma profunda determinação de concretizá-la?

O Mestre classificou a paz em duas categorias. Por certo recordareis as palavras dele aos discípulos nos dias que antecederam sua morte. Ele os havia admoestado a guardarem os mandamentos, prometendo-lhes que enviaria outro Consolador, o Espírito de verdade, o qual é o Espírito Santo e que lhes ensinaria todas as coisas e os faria lembrar-se de tudo quanto havia-lhes dito. Depois falou: "Deixo-vos a paz, a mi-

nha paz vos dou; não vô-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize." (Vide João 14:15-27)

O que o Salvador pretendeu dizer com "não vô-la dou como o mundo a dá"? Que tipo de paz o mundo pode dar?

Certamente não deixa de ser verdade que muitos buscam a paz no mundo, e contudo, alguns seguem caminhos nessa busca que só podem conduzir em direção oposta — caminhos de avareza, ambição, inveja, ira e orgulho. O maior inimigo da paz, sem dúvida, é o egoísmo juntamente com o desejo de acumular tesouros terrenos. Isto faz lembrar a parábola contada pelo Bom Mestre conforme encontramos em Lucas:

"E disse-lhe um da multidão: Mestre, dize a meu irmão que repare comigo a herança.

"Mas ele lhe disse. Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?

"E disse-lhes: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer um não consiste na abundância do que possui.

"E propôs-lhes uma parábola, dizendo: A herdade de um homem rico tinha produzido com abundância.

"E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher meus frutos.

"E disse: Farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens;

"E direi a minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come, bebe e folga.

"Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?

Distinção entre a verdadeira paz de Cristo e a pretensa paz do mundo.

"Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus." (Lucas 12:13-21)

De que forma podemos ser ricos para com Deus? Porventura se refere aos tesouros acumulados no céu pela obediência aos seus mandamentos — amor a Deus e aos nossos semelhantes? Viver cada dia com estes objetivos em mente não nos traria aquela paz mencionada pelo Salvador? Será que todos nós não tendemos a sobrecarregar-nos demasiadamente com uma porção de outras coisas em detrimento das coisas mais necessárias?

Thoreau¹ pensava assim, pois diz em seu livro **Walden**: "A massa humana leva uma vida de secreto desespero... A maioria dos luxos, e muitos dos chamados confortos da vida são não só dispensáveis, como positivamente entraves à elevação do homem."

E Joshua Liebman exprime-se semelhantemente em seu pequeno livro **Paz de Espírito**: "Um homem pode ter um lar, posses, uma família encantadora e ainda assim não encontrar gosto em tudo isto, só porque está sendo ultrapassado por alguns outros participantes da maratona na linha de chegada. Não é que possua o suficiente para suas necessidades, mas sim o fato de outros terem mais. É o 'mais' que o atormenta, que o faz depreciar-se e menosprezar suas reais realizações.

"Chegou a hora do homem dizer a si mesmo: 'Não vou interessar-me mais em quanto poder ou bens os outros possuem, enquanto puder obter o suficiente para minha dignidade e segurança e de minha família. Vou romper esse vínculo vicioso que sempre propõe as questões da vida em grau comparativo: Quem é

maior? Quem é mais rico? Vou estabelecer meus próprios objetivos em lugar de emprestá-los de outros..."

Creio que isto é uma das coisas que podemos aprender da juventude de hoje. Em muitos casos eles simplificaram os valores e perceberam a transitoriedade das coisas materiais. Eles reconhecem que a ambição, que leva os homens a buscar poder e domínio sobre outros, produz frustração e não paz. A história, sem dúvida, está repleta de exemplos da ascensão e queda de homens ambiciosos, e durante a cessação temporária de hostilidades entre nações sempre surge o brado: "Agora teremos paz." Quantas guerras já foram consideradas como "a guerra para por fim às guerras"?

Entretanto, certa enciclopédia demonstra que durante o período de 1496 AC até 1861 A.D., houve 227 anos de paz contra 3.130 anos de guerra. A ambição, seja privada ou coletiva, dá pouca esperança de se chegar à paz.

Hoje em dia vemos uma busca universal de paz — uma geração de paz; contudo, a maior parte dos que desprezam a corrida gananciosa, egocêntrica pela poder, não sabem onde procurar outro modo de vida que a substitua.

A paz não pode ser alcançada por meio de um sinal ou palavras pintadas em tapumes. Ela tem que ser adquirida primeira e totalmente pelo próprio esforço individual de guardar os mandamentos de nosso Senhor e Salvador, pois Deus criou os homens, todos eles, para que usufríssem essa paz.

Exatamente como a corrida desenfreada em busca das coisas mundanas não pode trazer a paz, ela não

é encontrada pela passividade. Visto como os confortos modernos muitas vezes nos deixam muito tempo além do necessário para o sustento próprio e da família, torna-se importante não gastar esse tempo indolentemente, pois há muito o que fazer se quisermos participar da paz do Senhor.

Provavelmente não existe meio mais rápido de alcançar a paz interior do que servirmo-nos uns aos outros. Os anais registram a história de um período maravilhoso em que essa paz realmente conseguiu banir avareza, ambição, inveja, ira e orgulho dos corações humanos. Foi logo após a visita do Salvador ao continente americano, depois de sua morte e ressurreição. Diz o relato:

"...o povo inteiro foi convertido ao Senhor... e não havia contendas nem disputas entre eles, e procediam retamente uns com os outros.

"E tinham todas as coisas em comum; portanto não havia ricos nem pobres, escravos nem livres, mas eram todos livres e participantes do dom celestial.

"E obras grandes e maravilhosas foram feitas pelos discípulos de Jesus, de tal modo que curavam os enfermos, levantavam os mortos, faziam andar os aleijados, davam vista aos cegos e faziam os surdos ouvir..."

"E o Senhor a todos fez prosperar grandemente na terra..."

"E aconteceu que o povo de Néfi se fortaleceu e multiplicou com grande rapidez, tornando-se um povo formoso e agradável em extremo.

"E casavam-se e davam-se em matrimônio, e foram abençoados segundo a multidão das promessas que o Senhor lhes havia feito.

“E já não se guiavam pelas cerimônias e ordenanças da lei de Moisés, mas observavam os mandamentos que haviam recebido do seu Senhor e seu Deus, continuando a jejuar e a orar e reunindo-se amiúde para orar e ouvir a palavra do Senhor.

“E sucedeu que não havia contendas entre todo o povo, em toda a terra; e havia grandes milagres realizados entre os discípulos de Jesus.

“E não havia contendas na terra, em virtude do amor a Deus que vivia nos corações do povo.

“E não havia invejas, nem disputas, nem tumultos, nem devassidão, nem mentiras, nem assassinios, nem nenhuma espécie de lascívia; e sem dúvida não poderia haver povo mais ditoso entre todos os povos criados pela mão de Deus.

“E não havia ladrões, nem assassinos, nem lamanitas, ou qualquer espécie de iras; pois só havia um povo, os filhos de Cristo e herdeiros do reino de Deus.

“E quão bem-aventurados eram eles! Porque o Senhor os abençoou em todos os seus feitos, sim, foram abençoados e prosperaram até se haverem decorrido cento e dez anos. E a primeira geração depois de Cristo já havia morrido; e não havia contendas em toda a terra.

“...Néfi, aquele que anotou este último registro... anotou-o por oitenta e quatro anos, e havia ainda paz na terra excetuando-se o fato de ter-se revoltado uma pequena parte do povo...

“E duzentos anos eram passados...” (4 Néfi 2,3, 5,7, 10-11, 12-13, 15-20,22)

Foi realmente um povo afortunado esse cuja história está contida no Livro de Mórmon, um livro que

abrange aproximadamente três mil anos e revela que somente nos períodos em que o povo guardava os mandamentos de Deus pôde gozar paz, amor, ventura e prosperidade.

O maior anseio e esperança do homem de hoje é encontrar uma vida de paz e alegria, progresso e liberdade, a qual só existe no Evangelho de Jesus Cristo. Paradoxalmente vivemos num mundo dominado por guerras, destruição, contendas, desrespeito às leis e imoralidade, e muitos se vêm perdidos. Um destes, uma moça, conta como foi afortunada em encontrar o verdadeiro Evangelho de Cristo para mostrar-lhe a saída do caminho de confusão pelo qual andava; e como é grata àqueles jovens que se deram ao trabalho de mostrar-lhe o caminho!

Como membros d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, nós aceitamos como conhecimento positivo proveniente de Deus o fato de que todo ser humano viveu num mundo espiritual preexistente como filho de Deus e veio a esta vida mortal para uma importante e necessária etapa da vida eterna. Esta mortalidade provê a oportunidade de escolher o certo e de obter conhecimento pela fé no plano revelado de Deus, o qual trará paz e liberdade para a vida mortal bem como a eterna.

Nós aceitamos como fato que Deus tem revelado por intermédio de seus profetas escolhidos o modo de vida que conduz à paz, o qual é o Evangelho de Jesus Cristo. A paixão humana pelas satisfações mortais, incluindo egoísmo, inveja, ira e orgulho, tem que ser substituída por objetivos espirituais, e o pecado deve-se tornar detestável, pois sabemos

que tudo o que fizermos aqui afetará nossa vida na eternidade.

Acreditamos que tão somente através desse conhecimento e modo de vida, o indivíduo ou uma nação poderá alcançar essa paz tão almejada e procurada.

E por isto dizemos a esta geração que tanto clama verbalmente pela paz, que tal preocupação de hoje é realmente significativa, pois na verdade a paz está em nossas mãos — nossa própria paz pessoal bem como considerável parte da paz do mundo. Crede nisso, trabalhai por isso, vivei por isso; pois, na medida em que perseverardes nesse caminho e trabalhardes pelo estabelecimento da paz, primeiro em vossa própria alma, então tereis a legítima paz.

Agora, meus irmãos, que estamos para sair desta grande conferência, façamo-lo reconhecendo que a nossa taça está cheia a ponto de transbordar. Fomos retemperados com as sublimes mensagens dos profetas de Deus. Fomos retemperados com os testemunhos dos irmãos. Fomos retemperados com o Espírito de Deus, o qual tem estado e continua aqui presente, agora.

Saiamos daqui com nossos testemunhos pessoais, ao qual gostaria de acrescentar o meu, de que sei que Deus vive, que Jesus é o Cristo, e que vivemos e servimos, basta querer, sob a direção do profeta de Deus, Joseph Fielding Smith, apoiado por dois outros profetas, Harold B. Lee e Nathan Eldon Tanner, além de mais treze outros profetas, o Quorum dos Doze e o patriarca.

Deus esteja convosco e vos abençoe no cumprimento de vossas designações, sejam quais forem, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Tribunais de Amor

Caros irmãos, sou imensamente grato ao meu Pai Celestial pelo espírito deste dia e especialmente por ter sido precedido destas encantadoras irmãs da Primária. A Primária tem-se significado tanto nas minhas responsabilidades dos últimos anos e o canto delas proporcionou-me a paz e o sentimento de que necessito agora.

Como é emocionante estar sentada aqui hoje, olhando para a sempre crescente presença de líderes de ultramar; estou certo de que está-se cumprindo a palavra do Senhor conforme a encontramos na seção 33 de Doutrina e Convênios, onde diz:

“E mesmo assim dos quatro cantos da terra juntarei os meus eleitos, tantos quantos crerem em mim e atenderem à minha voz.” (D&C 33:6)

E quão emocionante é observar estes líderes que escutaram, tornaram-se fiéis e verdadeiros, merecendo ser contados entre os líderes em suas respectivas áreas!

Ao escutarmos, hoje de manhã, as palavras do profeta e dos outros irmãos que se fizeram ouvir, acudiu-me à mente outra grande Escritura que ouvimos tão amiúde: “O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso... seja pela minha própria voz, ou pela voz de meus servos, não importa.” (D&C 1:38) De fato, quando um profeta de Deus nos fala, estamos ouvindo a vontade do Senhor, sem sombra de dúvida.

Gostaria de tomar apenas um breve segundo para render tributo a



Robert L. Simpson

Assistente do Conselho dos Doze.

dois dos homens mais notáveis que já conheci em minha vida, o Bispo Vandenberg e o Bispo Brown. Este dois excelentes companheiros têm significado tanto e têm-me dado tanto em minha vida como vos têm dado em suas viagens por todas as partes da Igreja.

Jamais conheci um homem de maior coragem e integridade do que o Bispo John H. Vandenberg. Eu nunca encontrei outra pessoa tão qualificada no setor administrativo e organizacional quanto o Bispo Victor L. Brown. Estes homens são de grande valia para a obra do Senhor e sou imensamente grato pelas bênçãos decorrentes da minha convivência com eles.

Nesses onze anos e meio de viagens pela Igreja, imensa tem sido a alegria de conhecer tão grande número de nossos bispos, presidentes

de estaca, homens estes designados juízes comuns em Israel, homens que são guardiões do rebanho, homens que receberam um encargo e responsabilidade como maior não há. Gostaria de dedicar alguns minutos desta sessão da conferência discutindo a que, no meu entender, talvez seja a menos compreendida de todas as reuniões da Igreja. Refiro-me ao tribunal do bispo. Gostaria de iniciar contando um caso.

O breve episódio que estou para relatar é verídico, e os fatos verdadeiros porque os que estiveram presentes jamais conseguirão esquecê-los.

A hora ia adiantada; a sala estava silenciosa exceto pelo soluçar audível do moço que acabara de receber o veredito de um tribunal da Igreja. A justiça tinha seguido seu curso devido. Aparentemente não havia alternativa. A decisão unânime, após séria deliberação, jejum e oração, fora: excomunhão.

Passados diversos minutos, o moço levantou os olhos no rosto abatido e sua voz rompeu o silêncio dizendo:

— Acabo de perder a coisa mais preciosa de minha vida, e nada conseguirá impedir-me de reavê-la.”

O processo conducente ao tribunal não é fácil. A coragem é, sem dúvida, um fator sumamente importante para toda pessoa que, tendo cometido um erro grave, quer retornar para junto do Senhor.

Terminada a reunião, as reações diante da dramática declaração de

esperança no futuro do jovem foram muito alentadoras. De alguns houve a firme promessa de ajudá-lo durante os próximos meses de contínuo arrependimento; de outros, uma pancadinha no ombro e um aperto de mão, com os olhos transmitindo um senso de segurança e solidariedade. Todos os presentes naquela reunião estavam totalmente convictos que tudo na vida daquele moço poderia ser recuperado desde que fosse feito à maneira do Senhor.

A rapaz já acabara de dar o primeiro passo gigante de retorno. Como membro excomungado da Igreja e o coração decidido a reparar as coisas, ele estava em muito melhor situação do que poucos dias antes com sua ficha de membro intacta, porém carregando no coração a falsidade que parecia acusá-lo de hipócrita sempre que tentava fazer alguma coisa na Igreja.

O episódio deu-se poucos anos atrás. O moço cumpriu o prometido e, na minha opinião, nenhum membro da Igreja pisa em terreno mais firme do que o homem que teve a coragem de confessar-se à sua autoridade do Sacerdócio e de acertar as coisas com o seu Mestre. Que grande alívio sentir novamente aquela paz de espírito que "excede todo o entendimento".

Os tribunais do Sacerdócio da Igreja não são cortes de retaliação. São tribunais de amor. Ah! se ao menos os membros da Igreja pudessem entender isto!

É o adversário que incute no coração do transgressor aquele medo que lhe torna tão difícil fazer o que tem de ser feito; e, nas palavras de James E. Talmage: "A medida que demora, a capacidade de arrependimento vai-se enfraquecendo; o passar por alto para com as coisas santas produz a incapacidade de arrependimento." (**Regras de Fé**, p. 110) Isto significa simplesmente que fazer o que tem de ser feito jamais será mais fácil do que neste exato momento. Como em todas as outras sendas e sinais indicadores destinados a nos ajudar a alcançar nosso destino de exaltação eterna, não existem atalhos ou caminho mais fácil.

O Pai Celestial não é inimigo do progresso; pelo contrário, ele é o autor do progresso eterno, ou em suas próprias palavras: "Porque eis que esta é a minha obra e a minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39)

O fato de chegarmos à vida eterna acrescenta glória ao nome dele e é o único objetivo final aceitável ao verdadeiro santo dos últimos dias.

Reduzido aos termos mais simples, nossa missão aqui na mortalidade é sobrepujar as fraquezas da carne e todas as irregularidades de nossa vida, a ponto de nosso controle dos desejos pessoais ser suficiente para produzir um padrão de vida e pensamento que seja compatível com a sua santa presença.

Não vos deixeis iludir pela doutrina do adversário de que haverá, provavelmente, um ponto mágico na eternidade em que todas as ações impróprias e egocêntricas serão eliminadas do nosso ser. As sagradas Escrituras confirmam repetidamente que não é o caso, e os profetas de todos os tempos tem-nos assegurado que agora é o tempo de arrependimento, justamente aqui na esfera mortal. Nunca torna-se-á mais fácil que agora; e, voltando ao pensamento do irmão Talmage, aquele que procrastinar o dia ou esperar por outro método que talvez requeira menos coragem, espera em vão; e, no meio tempo, as possibilidades se esvaem. Ele está fazendo o jogo de Satanás, e a exaltação na presença de Deus vai-se tornando mais remota a cada dia que passa.

Quanto a vós, bispos, ficai à disposição de vossa gente. Fazei com que saibam do carinho e compaixão que dominam vossa alma. Não vos deixeis envolver pelos negócios administrativos da ala a ponto de não mais comunicar à vossa gente todos aqueles atributos maravilhosos mencionados na seção 121 de Doutrina e Convênios. Estou falando dos atributos de bondosa persuasão, longanimidade, mansuetude e ternura, e amor não fingido.

Bispos, aprendei o importante princípio de delegar, a fim de que o vosso coração e mente estejam livres para aconselhar os santos. Vós sois o juiz comum deles. Na ala inteira

não existe outra pessoa designada como tal pelo Senhor. É a vós que eles devem recorrer. Vós deveis estar disponíveis para ouvi-los e, igualmente importante, é preciso que vivais de tal maneira a serdes um veículo da voz do céu, para o benefício e edificação da vossa gente.

Tenho por certo que uma das pedras angulares básicas da verdadeira justiça é a compaixão. Talvez, ainda mais importante do que a desobediência em si, seja a sensibilidade da alma da pessoa e seu desejo de arrepender-se e de seguir o Mestre.

Seria tão mais fácil falar de uma transgressão grave a alguém que se viu antes e provavelmente jamais se encontrará novamente; ou melhor ainda, falar, em completo isolamento, para um ouvido invisível e receber o perdão, ali mesmo, de lábios invisíveis. Mas nesse caso, quem estaria ao vosso lado nos meses de luta que vos esperam, enquanto estareis empenhados em concretizar o vosso arrependimento, enquanto vos esforçais por evitar uma trágica recaída?

Poucos homens, se é que existem, têm força suficiente para vencer o caminho sozinhos, e posso-vos assegurar, é morro acima o tempo todo. É preciso haver ajuda — alguém que vos ame de verdade, alguém divinamente comissionado para assistir-vos em sigilo, em silêncio, com confiança — e permiti-me reenfatizar a palavra **sigilo**, pois aqui novamente Satanás espalhou o falso rumor de

que as confidências são raramente guardadas.

Quero assegurar-vos que os bispos e presidentes de estaca não têm o hábito de trair essas sagradas confidências. Antes de serem ordenados e designados, a vida deles próprios foi revisada nos recintos superiores do templo por aqueles divinamente chamados para profetas, videntes e reveladores. Inquestionavelmente, podem ser contados entre os nobres e grandes deste mundo e como tal deveriam ser tidos pelos santos.

Que glorioso plano esse! Que alentador saber-se que todos temos esperança de uma bênção total, a despeito de todos os erros cometidos; que poderá haver realização completa; que podemos chegar à sua santa presença com a nossa família.

Mesmo a excomunhão desta igreja não representa o fim do mundo; e ainda que este processo seja necessário para se aplicar a justiça legítima, presto-vos meu solene e pessoal testemunho de que mesmo esta extrema penalidade de excomunhão pode ser o primeiro e gigantesco passo de volta ao caminho certo, desde que seguida de sincera submissão ao Espírito e fé na autenticidade do plano de Deus.

Tais processos só podem ser realizados nesta igreja pela autoridade do Sacerdócio devidamente designada, pois a casa do Senhor é uma casa de ordem. Tudo isto está perfeitamente esclarecido em Doutrina e Convênios, que passo a citar:

“E novamente, na verdade vos digo que aquele que é governado pela lei é também preservado pela lei e por ela aperfeiçoado e santificado.

“Aquele que transgredir a lei, e não a obedece, mas antes procura ser para si mesmo a lei, preferindo estar em pecado, e nele permanece inteiramente, esse não pode ser santificado pela lei, nem pela misericórdia, justiça ou julgamento. Portanto, permanecerão ainda imundos.

“A todos os reinos se deu uma lei;

“E há muitos reinos; pois não há espaço em que não haja reino; e não há reino em que não haja espaço, ou um reino maior ou menor.

“E a todo reino é dada uma lei; e a toda lei pertencem certos limites e condições.

“Todos os seres que não se conformam a essas condições não são justificados.” (D&C 88: 34-39)

Em outras palavras, irmãos, todos os seres que não preencherem essas cláusulas, todos que deixarem de corrigir infrações à lei eterna pelos procedimentos sacerdotais devidamente estabelecidos para tal, não são aceitáveis ao Senhor e provavelmente jamais serão elegíveis para a sua presença.

Deus nos abençoe para que aceitemos a lei eterna e entendamos que não existe outro caminho, é minha humilde oração, e eu a faço para cada um de nós, em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Sacerdócio Aarônico

Um Alicerce Seguro

Meus queridos irmãos, tenho o espírito assoberbado e se me empolga o coração esta noite, aqui de pé diante deste grande corpo do Sacerdócio, dando-me conta de que há outros milhares e milhares ainda, reunidos pela Igreja afora, ao contemplar as responsabilidades que me foram postas sobre os ombros.

Outro dia, depois de ter recebido o chamado, o Presidente Lee perguntou-me se eu estava comovido. Não foi fácil responder-lhe, pois comovido traduzia apenas parte da verdade. O que posso dizer é que os efeitos retardados têm sido bem mais severos que o abalo original. Não obstante, tenho fé e encaro o futuro com grande antecipação e entusiasmo.

Eu sinto assim porque sei que Deus vive. Eu sei que o Filho dele, Jesus Cristo, o Salvador da humanidade, é o cabeça desta igreja e que dirige ativamente os negócios dela nos dias de hoje através de seu profeta, o Presidente Joseph Fielding Smith, o qual acabou de testificar tão vigorosamente a respeito do seu chamado e também do meu.

Sei também que fui chamado pelo Senhor por intermédio de seus profetas, conforme anunciou o Presidente Smith, e que se eu arrepender-me de meus pecados, serei por ele abençoado e fortalecido para as tarefas vindouras. Se não tivesse convicção dessas verdades, eu não teria a coragem nem a temeridade de aceitar um chamado assim. Mesmo sabendo dessas coisas, já é assustador pensar em assumir encargo tão sagrado.



**Bispo
Victor L. Brown**

Do Bispado Presidente.

Os últimos dez anos e meio sob a direção de um grande líder, o Bispo John H. Vandenberg, foram realmente maravilhosos. Privei com ele como membro da presidência de minha estaca quando eu era bispo da Ala Denver IV, quando ambos éramos conselheiros na presidência da Estaca Denver, Colorado, e agora por mais de dez anos como seu conselheiro no Bispado Presidente. Quero que ele saiba, e vós também, o quanto o amo e aprecio. Ele é um homem de grande capacidade, e sou profundamente grato pelo privilégio de ter sido seu conselheiro.

O Bispo Simpson, como primeiro conselheiro no Bispado Presidente, fez uma grande contribuição à Igreja, conforme é evidenciado pelo amor que lhe têm as pessoas de toda a parte. É um homem sem malícia.

Sou grato, profundamente, a dois excepcionais sumos-sacerdotes por

sua dedicação e total cometimento ao Senhor, que os levou a responder ao chamado para completar o Bispado Presidente como meus conselheiros.

Ao encetar a tarefa de escolher os conselheiros, busquei a inspiração do Senhor em prece. Examinei centenas de nomes de irmãos merecedores, cada um dos quais poderia ter sido chamado. Os dois que foram chamados são os que o Senhor queria. Vós presenciastes a confirmação desta verdade ao escutar os seus testemunhos na primeira sessão desta conferência.

Reconhecemos nossa dependência do Pai Celestial ao assumir a responsabilidade como vosso Bispado Presidente. Temos um único desejo e este é executar o trabalho do Senhor à sua própria maneira e em seu próprio tempo, pois reconhecemos que esta é a sua Igreja. Somos seus servos, chamados para assisti-lo na realização de seu propósito, o qual é "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39)

O Bispado Presidente funciona sob a supervisão e direção da Primeira Presidência, a qual constitui a presidência de todo o Sacerdócio no mundo inteiro. Sob a direção dela e por delegação, o Bispado Presidente preside o Sacerdócio Aarônico em todo o mundo.

O Sacerdócio Aarônico é o Sacerdócio Menor, e que prepara seus portadores para o Sacerdócio Maior ou de Melquisedeque. Portanto, a responsabilidade do Bispado Presidente é apoiar e sustentar a presi-

dência do Sacerdócio de Melquise-deque, cuidando da preparação e qualificação dos rapazes para receberem o Sacerdócio de Melquise-deque.

Sob esse aspecto apoiamos o inspirado programa dos élderes em perspectiva, introduzido há pouco. Há centenas de milhares de excelentes membros masculinos adultos, portadores do Sacerdócio Aarônico ou ainda não ordenados, cujo bem-estar espiritual foi agora confiado às presidências dos quoruns de élderes da Igreja. Esse programa é uma grande bênção para esses irmãos, e tornar-se-á maior ainda.

Refletindo na responsabilidade assumida agora como presidente do Sacerdócio Aarônico, recordo-me de algumas coisas sentidas quando garoto. Sinto-me humilde diante das muitas bênçãos recebidas do Senhor através do Sacerdócio Aarônico.

Lembro-me bastante bem da emoção de distribuir o sacramento como diácono na Ala II de Cardston, Estaca de Alberta, no Canadá. A mesma emoção retorna toda vez que sou convidado a distribuir o sacramento às autoridades gerais na nossa reunião mensal no Templo de Salt Lake.

Recordo como considerava-me honrado por poder participar desse serviço sagrado. Lembro-me tão bem de como meus pais me ensinaram que minhas mãos e meu coração deviam estar limpos e puros para que eu fosse digno de participar dessa ordenança.

A maior de todas as lições foi o exemplo dado pelos meus pais. A

seguir vinha o exemplo do supervisor do meu quorum de diáconos, que era também meu chefe escoteiro. O irmão Ben Wood era o epitome do que deveria ser um líder de garotos. Todo rapaz por ele liderado sentia o seu amor. Sua influência não se limitava às manhãs de domingo ou terças à noite; fazia-se sentir a semana inteira. Serei eternamente grato a esse meu supervisor pelas lições da vida que me ensinou como diácono de doze anos, lições que me tem ajudado desde então até hoje.

Muitos rapazes pelo mundo afora estão tendo hoje em dia experiências semelhantes às minhas, quando garoto. Todos vós, não importa se de doze anos ou mais, tendes a oportunidade de experimentar essas coisas maravilhosas.

O ponto de partida para todo rapaz é o reconhecimento de que é de fato um filho de Deus, possuindo algo de divino em sua alma. Todos os homens são filhos de Deus, mas vós possuís algo mais. Vós possuís a autoridade de agir em seu nome. Isto vos destaca do resto do mundo. Não é que vos torne melhor do que os outros, mas dá-vos a responsabilidade de viver uma vida melhor do que os outros.

Visto como sabeis que sois filhos de Deus e possuís o seu Sacerdócio, de vós se espera mais que daqueles que não têm esta grande bênção.

Tenho-me sentido emocionado ao encontrar nas diversas partes da Igreja rapazes do Sacerdócio Aarônico cômnicos da grande bênção e

honra que possuem em virtude desse Sacerdócio os quais, conseqüentemente, começaram a edificar sua vida sobre um seguro alicerce.

Eu estava de visita à Estaca Pago Pago, na Samoa Americana. O irmão Peters, presidente da estaca, convidou-me a comparecer com ele à reunião sacramental de uma das alas. Chegamos sem prévio aviso, de modo que não havia nenhum arranjo especial.

Era um dia quente, úmido. Ao aproximarmos-nos da humilde capela de uma só sala, sem refrigeração, sugeri que talvez fosse conveniente tirarmos o paletó. O presidente explicou-me ligeiro que na sua estaca costumava-se usar paletó na reunião sacramental — mesmo no calor — como um meio de mostrar ao nosso Pai, que não só o adoravam mas também honravam e respeitavam-no trajando-se o melhor possível.

Ao sentar-me na tribuna, lá estavam os sacerdotes e diáconos junto da mesa do sacramento. Todos de camisa, gravata e paletó. — naquele calor e umidade.

A roupa costumeira naquelas ilhas é muito esportiva, como sabeis, mas aos olhos desses maravilhosos líderes e rapazes do Sacerdócio Aarônico samoanos, participar do sagra-do serviço sacramental não era uma experiência comum. Era uma tarefa sagrada. Achavam que sua aparência contribuía para demonstrar o respeito e reverência que tinha ao Senhor. Jamais esquecerei como influíram na reverência daquela reunião. A compreensão de seu relaciona-

mento com o Pai Celestial é, certamente, um passo importante para o engrandecimento do seu Sacerdócio.

Há alguns anos, pude presenciar as finais de um concurso de Escrituras do Sacerdócio Aarônico em São Paulo, Brasil. Era um certame em âmbito de missão, dirigido pelo Presidente Wayne Beck. Os conselheiros de distrito, sentados na tribuna, agiam como juízes. Os concorrentes espalhavam-se pela capela em pequenos grupos. Ao serem chamados diante dos juízes, deviam repetir de memória, passagens escriturísticas escolhidas a esmo pelos juízes e depois explicar seu sentido.

O entusiasmo e excitação entre aqueles times de rapazes do Sacerdócio Aarônico era igual ao que normalmente se observa em partidas de futebol ou basquete. Devido ao local, não era tão sonoro, porém não ficava a dever nada em intensidade. Eles se divertiam tornando as Escrituras uma parte de si mesmos.

Terminada a reunião com alguns de nossos soldados em Da Nang, Vietnam do Sul, um rapaz em farda de campanha achegou-se a mim, pedindo se eu não poderia escrever uma carta a seus pais, não-membros, explicando quão grande honra recebera naquele dia. Contou-me que eles não sabiam nada a respeito da Igreja e perguntou:

— Bispo Brown, será que não se importaria de dizer-lhes, quão grande honra foi para mim ser hoje ordenado um sacerdote no Sacerdócio Aarônico?

Tempos atrás, na Cidade de Nova

York, disse-me um moço bem-apesoado:

— Não é nada fácil ser judeu e mórmon.

Quando ele se batizou, seus pais ficaram tão ofendidos que celebraram um serviço fúnebre formal. No que lhes diz respeito, o filho está morto.

Quão importante é que todos os jovens do Sacerdócio Aarônico reconheçam sua responsabilidade como portadores do Sacerdócio e, como o Presidente McKay costumava dizer, se portem de acordo.

E agora, uma palavra aos pais, bispos e demais líderes do Sacerdócio Aarônico, mas principalmente aos pais. Com sentimentos de fraternidade e amor, nós, o Bispado Presidente, alinhamo-nos ao vosso lado na grande causa da juventude. Jamais houve melhor geração de gente moça.

Tenho por mim, que os espíritos desta geração foram retidos pelo Senhor até o presente, por serem espíritos especiais. Contudo, o mundo para o qual vieram está repleto de maldade e tentação. As legiões de Satanás estão à solta. Nós, os chamados a guiar a juventude — no lar e na Igreja — temos uma responsabilidade sagrada para com eles.

No tocante ao lar, diz o Senhor em Doutrina e Convênios:

“E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e

do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado.

“E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor.” (D&C 68:25,28)

A responsabilidade primeira cabe aos pais. O encargo da Igreja é auxiliar os pais e a família, e não substituí-la.

Vós, bispos, sois os presidentes dos quoruns de sacerdotes, e junto com vossos conselheiros, a presidência do Sacerdócio Aarônico na ala. Esses moços precisam da vossa liderança. Eles necessitam da vossa atenção, pois o vosso é um chamado especial com uma bênção especial. Tendes o poder do discernimento. Vós sois juízes comuns em Israel.

Se tomardes o tempo para envolver-se com esses rapazes e cuidardes que eles se envolvam convosco, podeis tornar-vos salvadores no Monte Sião para muitos. Sois vós, juntamente com os demais líderes nas alas e ramos, que fazeis a diferença.

Queremos certificar-vos de nosso amor e apoio. Somos gratos ao Senhor por cada um de vós e rogamos as bênçãos do Pai Celestial sobre todos nós a fim de que, através da nossa liderança unida e dedicada, possamos ajudar todo rapaz desta Igreja a honrar o seu Sacerdócio, para que nenhum desses preciosos filhos de Deus se perca. Isto eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Bom Exemplo no Lar

Bispo H. Burke Peterson

Do Bispado Presidente.

Na noite da quinta-feira passada eu acabara de chegar do escritório, quando recebi um chamado telefônico interurbano. A voz no outro extremo da linha apresentou-se:

— Aqui fala o secretário do Presidente Lee. Ele e o Presidente Tanner gostariam de falar com o senhor, mas no momento não é possível. Poderia-me dizer onde encontrá-lo esta noite para que eu possa chamar novamente?

No mesmo instante tudo o que eu pretendia fazer naquela noite deixou de ser importante, e assim respondi:

— Estarei aqui.

E então, durante a meia hora mais longa de toda a minha vida, fiz uma porção de coisas à toa, tentando manter-me ocupado.

Veio o telefonema, e o Presidente Lee e o Presidente Tanner falaram-me da nova designação vinda do Senhor. Devo desculpar-me com eles por não ter contribuído com a minha parte para a conversa que se seguiu. Tudo o que consegui dizer por algum tempo foi um "muito obrigado". Pa-



rece que minhas cordas vocais e glândulas lacrimais se atropalharam, não sabendo de

quem era a vez. Finalmente disse-me o Presidente Lee:

— Irmão Peterson, queremos que saiba que recebemos do Senhor a confirmação de que é isto que ele quer que o senhor faça.

Quando falou isto, pareceu-me sentir a mesma coisa. Parecia que, embora não soubesse como, e continuo não sabendo, eu tinha certeza de que tudo se resolveria conforme a vontade do Senhor.

Sou grato a ele por ter chamado um profeta em nossos dias. Sou grato a ele por ter chamado homens nobres para secundar o profeta. Eu aprecio a confiança que depositam em mim.

Aprecio a confiança do Bispo Brown. Agradeço ao Senhor tê-lo dirigido na escolha de seus conselheiros. Farei tudo o que puder para que o trabalho dele comigo seja uma experiência agradável e proveitosa.

Depois do telefonema chamei minha mulher para contar-lhe o acontecido. Sentamo-nos juntos e conversamos durante algum tempo sobre como isto afetaria nossa vida, nossas

cinco filhas, os negócios e a casa que acabávamos de comprar. E então quase que automaticamente, ajoelhamo-nos juntos e agradecemos ao Senhor por sua confiança, seu amor e tudo o que tem feito por nós. Agradecemos-lhe as filhas que temos e pelo amor que elas têm ao Pai Celestial. E eu agradeci-lhe por ter-me dado a minha eterna querida. Agradeci-lhe por permitir que ela permaneça na terra por mais uma temporada. Agradeci-lhe por sua dedicação em todos os chamados que vieram ao nosso lar.

Desde o chamado da última quinta-feira, muitas coisas têm-me passado pela mente — sobre por que e como isto pôde acontecer. Pensei e remontei aos dias de infância e agradeci-lhe pelos pais que, por meios singelos e atos nada excepcionais, instilaram nos filhos profundo amor ao Pai Celestial e a eles.

Lembro-me das muitas vezes, parece-me que quase todas as semanas, em que quatro garotinhos de cabelo louro, quase branco, ficavam atrás das vidraças ou da porta de

tela, dando adeus aos pais que saíam de carro para ir ao templo em Mesa. (No Arizona. N. do T.)

Pouco sabíamos a respeito do templo, tampouco o que acontecia lá dentro, mas havíamos sido ensinados a acreditar, sem reservas, que mamãe e papai nos amavam e que fariam tudo por nós. Assim, quando ficávamos ali dando adeus, sabíamos que no templo devia ocorrer algo de muito importante para que aquelas duas pessoas que nos tinham tanto amor deixassem-nos sozinhos tão freqüentemente. Naqueles primeiros anos de infância já ganhamos entendimento da importância do templo.

Enquanto crescíamos papai trabalhou como secretário da ala durante quinze anos, e lembro-me bem de que todo domingo à noite, assim que voltava da reunião, ia para a sala de jantar. Depois de baixar as persianas, punha sobre a mesa de carvalho todo o dinheiro recolhido naquele dia para o bispo — os dízimos e ofertas.

Depois contava e registrava

tudo, e empilhava as cédulas de um, de cinco e de dez dólares, cuidadosamente; em seguida, ia buscar a tábua de passar, o ferro e um trapo úmido, e punha-se a passar as cédulas, uma por uma.

Bem, talvez estejais imaginando o que quatro garotinhos deduziriam disso. Uma coisa que aprenderam, foi que tudo o que se fizer para o Senhor, deve-se fazer o melhor possível. Não existe nada que seja bom em demasia para o Senhor.

Esse humilde homem e sua mulher, que tinham muito pouco dos bens terrenos, implantaram o amor ao Pai Celestial no coração dos filhos com algumas experiências de extrema simplicidade. E é por causa dessas experiências, e outras semelhantes, que eu posso estar aqui hoje e dizer-vos que eu sei que Deus vive; que eu sei que Jesus é o Cristo, e que eu sei que esta é a sua Igreja e que ele a organizou para a salvação de seus filhos.

Eu sei que estas coisas são verdadeiras, e isto testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Joseph F. Smith

As Famílias e o

Conflito de Gerações

Arthur R. Bassett



Joseph F. Smith conservou sua aparência distinta durante a sua vida.

Numa época em que o conflito de gerações é debatido tão amiúde, em que a cisão entre pais e filhos é lugar-comum, é confortador saber-se que existem famílias firmemente ligadas por amor e compreensão.

Tal foi o caso do lar do Presidente Joseph F. Smith, pai de uma família de quarenta e oito filhos, cada um deles amado de um modo especial. É significativo que durante a gestão do Presidente Smith, talvez mais do que em outra época qualquer, a Igreja começasse a dar ênfase especial

ao lar, reuniões familiares e valor da vida familiar em geral — uma ênfase que voltou a emergir vigorosamente em nossos dias.

Entretanto, parece irônico que o Presidente Smith tivesse que crescer sem a espécie de vida familiar que advogava, pois na adolescência já havia perdido os pais. Talvez tenha sido essa perda que o fez sentir tão agudamente a necessidade da segurança proporcionada pela família. Seu pai, Hyrum Smith, foi vítima da população quando o futuro presidente tinha apenas seis anos.

É sabido que Hyrum foi o esteio

do Profeta Joseph durante a maior parte de sua vida e que este amava o irmão mais velho como a própria vida. Também o Senhor manifestou seu amor a Hyrum por causa "da integridade do seu coração, e porque ele ama o que é reto diante de mim." (D&C 124:15)

Durante a vida inteira Joseph F. Smith amou o pai com devoção toda especial, uma devoção inspirada pelo excelente relacionamento que pode existir entre pai e filho. Sua última memória do pai, quando este partiu para Carthage, era vívida. "Sem descer do cavalo," relataria mais tarde,

“papai, inclinando-se sobre a sela, levantou-me do chão. Ele me beijou em despedida, pôs-me de volta e fiquei olhando-o sair cavalgando.” Essa experiência foi seguida por dias de incerteza e depois uma noite do assassinato... em que um dos irmãos chegou de Carthage depois do anoitecer e, batendo à janela, gritou para minha mãe: 'Irmã Smith, seu marido foi morto'.” Ele tinha então somente seis anos de idade. Ainda como homem adulto recordava a incerteza e terror daquela noite.

Dois anos mais tarde Joseph F. Smith e sua mãe viúva partiram para o Oeste com outros pioneiros mórmons e ali, durante a jornada pelas planícies, ele aprendeu muitas lições de fé de sua mãe. Eis um breve esboço de duas delas:



A primeira teve a ver com a perda da junta de seus bois enquanto cruzavam as planícies. O Presidente Smith a descrevia como “uma das primeiras demonstrações práticas e positivas da eficácia da oração que testemunhei.” A impressão deixada em sua mente iria ajudá-lo durante a vida inteira.

Certa manhã, ao acordar, deram pela falta da sua melhor junta de bois. Joseph F. Smith e seu tio, Joseph Fielding, ficaram à procura deles a manhã toda, em vão. Voltaram

para o acampamento exaustos e desanimados, ali encontrando Mary Fielding Smith de joelhos implorando a ajuda de Deus para sua busca, uma vez que a perda dos animais implicaria maior demora para chegarem ao destino.

Levantando-se da oração, aquela jovem mãe pioneira disse ao irmão e filho que fossem comer enquanto ela ia buscar os animais. Ela saiu em direção ao rio, a despeito das tentativas do irmão de persuadi-la de que continuar procurando seria fútil, ignorando também o vaqueiro de uma caravana de carroções do Missouri que alegava ter visto os bois indo na direção oposta naquela manhã. Mary Smith continuou sua caminhada para o rio e, chegando à ribanceira, voltou-se acenando para o



irmão e filho que fossem para junto dela. Chegando lá eles viram os bois amarrados numa moita de salgueiros, fora da vista. Aparentemente alguém deixara-os ali, planejando retornar quando o grupo de pioneiros seguisse viagem.

A segunda experiência também envolveu a perda de um boi e a grosseria de um chefe de comboio que tivera um desentendimento pessoal com Mary Fielding Smith. Sempre que um grupo de pessoas é reunido às pressas como no caso das com-

panhias de pioneiros, o temperamento de alguns se inflama facilmente e surgem os atritos. Quase todo rapaz que já participou de um acampamento de escoteiros ou militar, ou as moças num acampamento feminino, conhece esse problema.

Assim pois, era quase que inevitável que surgissem atritos nas companhias de pioneiros.

Neste caso a divergência de opinião prendia-se ao fato de o supervisor achar que a Irmã Smith não estava preparada com suprimentos e equipamento suficientes para alcançar o vale, e assim se transformaria num peso para qualquer companhia que a recebesse. Finalmente concluiu:

— Eu terei que carregar você ou largá-la no meio do caminho.

— Aposto como chegarei antes de você no vale e também não precisarei de nenhuma ajuda sua.

E assim estavam traçadas as linhas da batalha verbal e a companhia se pôs em marcha. Tudo correu relativamente bem até meio-caminho, aproximadamente, entre os rios Platte e Sweetwater, quando um dos bois da Irmã Smith calu ao chão como que envenenado. Tudo fazia crer que o animal se encontrava nas vascas da agonia. Tinha espasmos violentos e todos achavam que morreria dentro de instantes. Os carroções que vinham atrás também foram obrigados a parar enquanto o chefe da companhia chegava correndo, “vociferando como se fosse o fim do mundo”.

— Aí está, — reclamou, — eu bem lhe disse que ia precisar de ajuda e seria um peso para a companhia.

Mas nisto ele se enganava. Apresentando um frasco de óleo consagrado, a viúva Smith pediu ao irmão e a James Lawson que fizessem o favor de administrar o animal exatamente como fariam a uma pessoa enferma, pois para ela era vital que o boi se recuperasse. Foi atendida. Os irmãos derramaram óleo na cabeça do animal e depois, impondo-lhe suas mãos, reprovaram o poder destruidor. No mesmo instante o boi se pôs de pé, e poucos minutos depois andava sob a canga como se nada houvera acontecido. Isto causou grande pasmo na companhia. Antes de irem muito longe, outro de seus animais caiu como o primeiro,

mas recuperou-se com o mesmo tratamento, o qual foi repetido ainda uma terceira vez.

Todos esses incidentes tinham no jovem Joseph F. Smith um observador que via o poder do Sacerdócio sendo exibido pelo tio, mas sentindo também a profunda fé de sua mãe viúva, mulher que iria deixar uma impressão indelével na vida dele. Quatro anos depois de chegarem ao vale — aos catorze anos — ele perdeu a mãe para a morte e então ficou completamente só.

Durante seu décimo quinto ano de vida Joseph F. Smith foi ordenado élder, recebeu seu "endowment" (investidura), sendo mandado servir como missionário no Havaí. Ali teve que passar por doenças e desânimo muito além do que é normal para um rapaz dessa idade. Mas, dessas experiências surgiu uma crescente intensificação d'alma e ampliação de suas experiências foi um sonho, significativamente centralizado num incidente familiar, e que ocorreu numa época de sua missão em que estava grandemente deprimido. "Eu estava... totalmente desvalido, a não ser a amizade da gente pobre, ignorante. Sentia-me tão degradado em minha situação de miséria, falta de inteligência e conhecimento, apenas um garoto, que mal ousava encarar... um homem."

O sonho consistiu de muitas coisas, porém o ponto principal foi a apresentação de um menino ao Profeta Joseph Smith. No sonho viu o pai e a mãe, e foi esta quem lhe entregou a criança. Ele levou o menino ao Profeta, entregou-lho, e depois recuou. Então Joseph Smith, Hyrum Smith e Brigham Young — que ainda era vivo na ocasião do sonho — formaram um triângulo em torno do bebê, abençoaram-no e, a seguir, o Profeta ofereceu-o novamente a Joseph F. Smith. Quando apresentara o bebê ao Profeta, o jovem élder encostou a mão no peito do Profeta para certificar-se da realidade de sua presença. Ao voltar para retomar a criança, estava determinado a comprovar mais uma vez se se tratava apenas de um sonho ou de realidade.

"Eu queria saber o que significava. Por isso lancei-me propositalmente contra o Profeta. Senti o calor do meu tórax. Ele sorriu-me como se

compreendesse minha intenção. Entregou-me a criança e eu voltei para junto de mamãe e deitei-a em seu colo.

"Naquela manhã, ao acordar, eu era um homem, embora apenas um rapaz. Não havia coisa alguma no mundo que eu temesse... Aquela

visão, aquela manifestação e testemunho que presenciei naquele tempo tornaram-se o que eu sou, se é que tenho algo de bom e puro ou reto perante o Senhor. Aquilo tem-me ajudado em toda provocação e através de todas as dificuldades."

Pelos comentários do Presidente



Cartola, bengala e escova de roupa do presidente.

Smith fica claramente evidente que seu principal interesse nessa experiência prende-se ao fato de que o seu testemunho do Profeta daquela época foi aprofundado e ampliado; mas, não se pode deixar de perceber um outro detalhe do sonho, um detalhe não comentado pelo Presidente Smith — a apresentação do menino ao Profeta Joseph Smith para que o abençoasse. À luz do fato de que dois dos filhos do Presidente Smith vieram a participar eventualmente do Conselho dos Doze, e um destes, Joseph Fielding Smith tornar-se-ia posteriormente presidente da Igreja para usar, simbolicamente, o manto profético em sucessão a Joseph Smith, poderia-se imaginar se não havia também uma dimensão profética naquele sonho que teve quando era jovem missionário, deitado “sozinho numa esteira, lá longe nas montanhas do Haváí.”

A vida e o tempo têm o vezo de modificar as coisas, exatamente como se deu no caso de Joseph F. Smith. Seu destino não era ficar só, nem privado de uma família a vida inteira. Com vinte anos casou-se pela primeira vez, com Levira Clark, pouco antes de partir para sua segunda missão — desta vez na Grã-Bretanha, e sabendo que durante

todo o tempo havia alguém esperando por ele. Essa primeira esposa seria seguida de mais outras cinco (pois viveu nos dias em que se adotava o casamento plural) e quarenta e oito filhos. A família nunca foi muito abastada, mas era abençoada com amor, aquele tipo de amor que se desenvolve quando as pessoas têm que aprender a contar unicamente com o amor. Duas das mais belas ilustrações desse amor provêm dos seus primeiros anos de paternidade, época em que subsistia com um salário de três dólares diários — e ainda assim em mercadorias.

Um incidente de Natal é particularmente tocante. Depois de descrever sua condição de pobreza e seus sentimentos de que todos ao seu redor pareciam possuir tanto, ele narra sua ida à cidade, um dia antes do Natal, a fim de comprar “alguma coisa para as crianças”.

“Eu queria algo para agradá-las e que destacasse o dia de Natal de todos os outros dias — mas não tinha um centavo para gastar! Subi e desci a rua principal, olhando as vitrinas... por toda a parte — e depois, esgueirando-me para longe dos olhos da humanidade, sentei-me e chorei como uma criança até aliviar meu coração sofrido; após algum

tempo voltei para casa, as mãos tão vazias como ao sair, e pus-me a brincar com meus filhos, feliz e grato... por eles.”

A outra experiência é a perda de sua filhinha primogênita de nome Mercy Josephine, que ele costumava chamar afetuosamente de “Dodo”. A pequena Dodo, irmã mais velha do Presidente Joseph Fielding Smith, faleceu aos três anos. Depois de velar por ela noite após noite, segurando-a nos braços e animando-a, o pai afligiu-se vendo-a passar uma noite inteira sem dormir. Na manhã seguinte, ao ouvi-la dizer: “Esta noite eu vou dormir, papai”, suas palavras “despedaçaram meu coração”. Logo em seguida ela morreu. A dor do seu coração só pode ser devidamente expressa nas palavras de uma carta da época dirigida à sua mulher Edna.

“Mal ousou incumbir-me de escrever, mesmo agora meu coração padece e a minha mente é um completo caos; se eu murmurar, que Deus me perdoe, minha alma tem sido e é provada com lancinante sofrimento, meu coração está ferido e quase que despedaçado de angústia. Estou triste, meu lar parece desolado e quase lúgubre... minha doce Daço se foi! Mal posso acreditar e meu coração pergunta: **Como pode ser?** Eu olho em vão, escuto, nenhum som, vagueio pelos quartos, todos vazios, solitários, desolados, desertos. Examinando os caminhos do jardim, esquadrinho à volta da casa, espio aqui e ali atento ao vislumbre de uma cabecinha dourada, brilhante, e faces rosadas, mas nada, ai de mim, nenhum ruído de passinhos miúdos.



Conhecido como homem metódico e muito pontual, o Presidente Smith usou estes relógios durante longos anos.





Oculos e uma edição havaiana do Livro de Mórmon que pertenceram ao Presidente Smith.

Nenhum olhar brejeiro daqueles olhinhos escuros cintilando de amor ao papai; nenhuma vozinha doce, inquietadora... nada de mãozinhas macias, cheias de covinhas, abraçando-me pelo pescoço, nada de lábios rosados retribuindo em inocência infantil meu carinhoso abraço e beijos, apenas uma cadeirinha vazia. Seus brinquedinhos estão escondidos, suas roupas, postas de lado; apenas um único pensamento desolado forçando seu peso esmagador, plúmbeo sobre meu coração — **ela não está aqui, ela se foi!**... Estou quase louco, e ó!, somente Deus sabe o quanto eu amava minha garotinha; ela era a luz e a alegria de meu coração."

Quarenta e seis anos mais tarde, somente dois anos antes de sua própria morte, o Presidente Smith escrevia em seu diário: "Hoje é o 49.º aniversário de nascimento de minha primogênita, Mercy Josephine, uma garotinha muito linda e inteligente. Ela morreu a 6 de junho de 1870, com quase três anos, deixando apenas a memória dos três anos mais doces, felizes e encantadores de toda a minha vida até então. Ó, como

eu amava e acarinhava aquele pequeno anjo de amor e luz!"

Que conflito de gerações jamais conseguiria interromper o fluxo de um amor como esse? Ou quem ousaria jamais duvidar da sinceridade ou importância desta declaração do Presidente Smith feita pouco depois de tornar-se o profeta do Senhor?

"Não pode haver nenhuma felicidade genuína separada e à parte do lar, e todo empenho para santificar e preservar a sua influência enaltece aqueles que labutam e se sacrificam para estabelecê-lo. Homens e mulheres muitas vezes buscam algum substituto para a vida domésti-

ca; gostariam de convencer a si próprios de que o lar significa restrição; que a suprema liberdade é a plena liberdade de andar por aí à solta. Não existe felicidade sem serviço, e não existe serviço maior do que o que converte o lar numa instituição divina, que promove e preserva a vida familiar.

"Aqueles que se furtam às responsabilidades domésticas são carentes de um importante elemento do bem-estar social. Eles podem entregar-se aos prazeres da sociedade, mas seus prazeres são superficiais e resultam em desapontamentos mais tarde na vida."

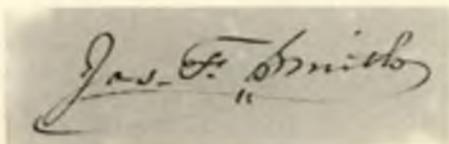
O Presidente adorava acampar com sua família.



JOSEPH F. SMITH

(1838 - 1918)

13 Nov.	Idade	
1838	—	Nascimento em Far West, Missouri.
1844	6	O pai, Hyrum Smith, é martirizado.
1846-48	8-10	Dirige juntas de bois pelas planícies.
1852	14	A mãe morre; fica órfão.
1854-57	16-19	Missão no Havai.
1859	21	Desposa Levira A. Smith; é chamado para o sumo conselho da Estaca de Salt Lake.
1860-63	22-25	Missão na Grã-Bretanha
1865-74	27-36	Membro da Câmara de Deputados Territorial.
1866	28	Ordenado apóstolo e conselheiro da Primeira Presidência.
1874-75	35-37	Presidente da Missão Européia.
1877	39	Segundo período como presidente da Missão Européia.
1880	42	Designado segundo conselheiro de John Taylor na Primeira Presidência.
1884-91	46-53	Trabalha no sudoeste dos Estados Unidos, México, Havai, Canadá e leste dos Estados Unidos.
1901	63	Apoiado presidente da Igreja.
1906	68	Torna-se primeiro presidente a percorrer a Europa.
19 Nov.		
1918	80	Falece.



A assinatura do profeta.



A liderança da conferência.



O almoço iniciou a conferência.

Cavalheiros e Ceifeiras em Conferência

Com a participação de cerca de 110 jovens, realizou-se no dia 15/11/72 a 2.ª Conferência de Cavalheiros e Ceifeiras da Estaca São Paulo Leste, nas dependências da capela da Ala I — Vila Mariana.

A conferência iniciou-se às 13 horas com um almoço para todos os participantes. Logo após o almoço os jovens se reuniram na capela para a parte espiritual da conferência. A reunião foi dirigida pelos irmãos Danilo Talanskas e Marina Gomes dos Santos, líderes dos Cavalheiros e Ceifeiras da Estaca e presidida pelo irmão José B. Puerta, Presidente da Estaca São Paulo Leste.

Como convidado especial falou aos jovens o irmão Hélio da Rocha Camargo, ex-presidente da E.S.P.L., que atualmente reside em Barra Mansa no Estado do Rio de

Janeiro. O irmão Camargo discorreu sobre a necessidade dos jovens viverem o Evangelho em qualquer circunstância da vida.

De muita inspiração aos jovens, foi também a apresentação do irmão Puerta que trouxe aos ouvintes uma fita gravada e traduzida com um discurso do Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze, sobre o tema: "Porque manter-se moralmente limpo".

A parte seguinte da tarde foi dedicada às atividades recreativas, destacando-se a ginkana que exigiu dos jovens muita participação e entusiasmo.

O encerramento da conferência deu-se com a apresentação de "show" de música e um interessante teatro que esteve a cargo do irmão Leonel Sá Maia.



As equipes vencedoras da ginkana.



Cena da peça apresentada.



A Igreja me ensinou tudo o que sou.

Airmã Maria Aidukaitis, mãe de 4 filhos e membro do Ramo IV de Porto Alegre, foi recentemente eleita Mãe do Ano de 1972 da cidade de Porto Alegre. O título lhe foi conferido, após criteriosa seleção entre dezenas de outras mães não menos dignas, pelo Clube de Mães daquela cidade.

Depois de eleita Mãe do Ano, a irmã Aidukaitis recebeu o título honorário de Mãe Missionária do estado do Rio Grande do Sul. Desta feita a honra lhe foi conferida pelo Conselho de Mães daquele estado.

"A Igreja me ensinou tudo o que sou," disse a irmã Aidukaitis após receber a faixa de Mãe do Ano da cidade. "Qualquer irmã ativa na Igreja e com um testemunho forte do Evangelho, poderia ter feito o mesmo".

Irmã de Porto Alegre é Eleita Mãe do Ano

A irmã Aidukaitis, que tem trabalhado com a Primária e Sociedade de Socorro do Ramo, Distrito e Missão quase que continuamente desde que foi batizada em 1948, é a segunda mãe mórmon a participar deste concurso em Porto Alegre. Sua irmã Olga Klein, mãe de 7 filhos, foi candidata em 1971 à Mãe do Ano da cidade.

O Clube e Conselho das Mães da cidade e do estado elegem anualmente, das dezenas de candidatas, a mãe que, no seu parecer, além de oferecer amor e treinamento para seus filhos e alcançado ótimos resultados em sua própria família, ainda consegue dedicar seu tempo a energias para contribuir no desenvolvimento de outros lares.



NOITE DE ARTE

A **Sociedade de Socorro** é a organização auxiliar mais antiga da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Foi estabelecida em 17 de março de 1842, pelo profeta Joseph Smith, que salientou sua importância fundamental de promover o desenvolvimento cultural e artístico de suas associadas.

Com esse objetivo a junta da Sociedade de Socorro da Estaca São Paulo, promove anualmente a sua já





famosa, Noite de Gala. Em 24 de novembro de 1972, o programa foi realizado nas dependências da capela de Pinheiros, e na oportunidade foi apresentada uma grande variedade de números de elevado valor artístico.

Contribuíram para a beleza do espetáculo os seguintes irmãos: Myriam May Lombardi Marcelino, Coro da Sociedade de Socorro da Estaca de São Paulo, Hilde Kreuzer Castanho de Almeida, Hildinha K. Castanho de Al-

meida, Cassandra Denzeler, Egle Mainardi Bizzocchi, Prof. Sérgio Correia, Aura Lombardi Marcelino, Maria Amélia Penteado de Camargo, Cassandra F. Carina, Coro da Ala 5, Maria de Lourdes Cutolo, Norma Jensen, Marisa Leite Silveira, David Christensen, Venício Ferreira, Jacyra Grobel Cabral e Catharina Abondanza que demonstraram seus talentos na apresentação de números de cântico lírico, folclórico, corais, piano, violino e declamações.



